

The background of the entire image is a solid blue color. Overlaid on this are numerous thin, white, wavy lines that flow across the frame in a somewhat chaotic but rhythmic pattern, resembling topographical contour lines or perhaps stylized waves. These lines vary in density and curvature, creating a sense of movement and depth.

às margens da educação

às margens da educação

heloisa bento ribeiro

Trabalho Final de Graduação apresentado à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em
dezembro de 2019.

Orientação: Karina de Oliveira Leitão

Projeto Gráfico: Sofia Tomic e Heloisa Bento Ribeiro
Revisão dos textos: Pedro Lang Augustin

Lista de Fotografias
Páginas 12, 13, 15, 66, 67, 85: autoria Heloisa Bento Ribeiro
Páginas 16, 17, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 38, 39, 40, 54, 73, 78, 80:
autoria Sofia Tomic
Páginas 50, 68, 74: autoria GEMAP–FAUUSP

**A minha avó Idalina (in memoriam), por ler o mundo tão
propriamente nas ditas limitações do analfabetismo.
Por me ensinar a caminhar no mundo com força, com afeto.**

resumo

A partir das experiências na Ilha do Bororé, Grajaú, São Paulo, por meio de um projeto de territorialização realizado pelo Grupo de Mapografias da FAU-USP (GEMAP) junto à Escola Estadual Adrião Bernardes e Casa Ecoativa, o presente trabalho propõe-se a construir uma reflexão sobre o espaço da educação. Para tanto, analisa escolas realizadas na Cidade de São Paulo, assim como outras que exerceram influência na produção escolar paulista, em sua relação com o entorno, com o bairro e a cidade. No Bororé, propõe a reflexão sobre o espaço educativo a partir de seus elementos: a escola, a rua, a praça.

palavras-chave: arquitetura escolar; cidade educadora; educação e cidade.

abstract

By the experiences in Bororé Island, Grajaú, São Paulo, through a territorialization project carried out by the FAU-USP Mapping Group (GEMAP) with the Adrião Bernardes State School and Casa Ecoativa, this paper proposes a reflection about the space of education. To accomplish this, it analyzes schools held in the city of São Paulo, as well as others that have influenced this school production, in its relation to the surroundings, the neighborhood and the city. In Bororé, it proposes the reflection on the educational space from its elements: the school, the street, the square.

Key-words: school architecture; educating cities; education and city.

agradecimentos

Agradeço a todos que comigo seguiram nesse longo caminho educativo.

Agradeço aos meus pais Roselei e Pedro pelo início, pela presença tão amorosa nesse processo e por sempre terem acreditado nos caminhos que escolhi.

À minha família, pelas raízes profundas que me trouxeram a tantos questionamentos quanto a educação. Em especial, aos meus avós Idalina e Jorge, a minha madrinha Daniela e minhas tias Tereza, Cida e Lúcia, por todo cuidado ao longo da vida.

À Sofia, pelo amor e pelos olhares tão sensíveis ao mundo. A concretização deste trabalho só foi possível por seus olhares traduzidos nas fotografias e no projeto gráfico aqui presentes.

Ao Pedro Lang, pela partilha deste processo e pela revisão final dos textos.

Às minhas amigas de vida Rai e Bia Navarro, pelo encontro e pela trajetória que construímos.

Aos meus amigos de FAU, que tanto contribuíram nas discussões que sustentam esse trabalho: Gallulu, Lou, Yas e Bá. Aos amigos Micael, Paula, Lahayda, Letícia tão importantes no percurso fauano. A todos que estiveram comigo no GFAU, movimento tão significativo para a minha formação política.

Aos professores da FAU, em especial ao Alexandre Delijaicov, pelos ensinamentos sobre projeto escolar, ao Jorge Bassani, pelos aprendizados no processo na Ilha do Bororé, à Karina Leitão, pela orientação no presente trabalho e pelo afeto que atribuiu a este processo. Agradeço ainda à Beatriz Goulart, que sua essência de professora leve tantos ensinamentos ao mundo, quanto estes a mim

sobre

chegaram. Ao Adriano Bechara e ao Ateliê, por todas as conversas e leituras que com ele e ali se deram e com as quais tanto aprendi.

Aos funcionários da FAU, tão importantes para a sustentação pedagógica desta Universidade, em especial, à Rose, por todos esses anos de apoio e carinho.

Agradeço à Escola Estadual Adrião Bernardes, em especial ao professor José Carlos e aos estudantes do projeto: Beatriz Santos Lima, Yasmin Fernandes Santana, Otávio de Oliveira Nogueira, Giovanna dos Santos Rezende, Ana Carolina Rodrigues da Silva, Marco Antonio Araújo dos Santos, e tantos outros, dos quais os nomes não consegui coletar a tempo da finalização deste caderno mas que são tão sujeitos deste processo.

À associação de moradores da Ilha do Bororé (AMIB), à Casa Ecoativa, em especial ao Jailson Lara pelo protagonismo neste trabalho, e demais moradores. Esse trabalho não seria possível sem uma comunidade que sustente a educação.

Agradeço, novamente, àqueles que aceitaram compor minha banca avaliativa: Beatriz Goulart, Jailson Lara e Jorge Bassani, grandes referências com as quais sou grata de partilhar essa finalização.

A todos aqueles que no caminhar, caminharam junto, e que portanto, são parte do espaço que me constitui.

mar.gem (s.f)

1. espaço branco em volta de folha de texto
2. beira de rio, lago, etc.
3. espaço, oportunidade. (fonte: dicionário Houaiss)

espaço situado no contorno externo imediato de algo; borda, limite externo, periferia. (fonte: dicio.com.br)

Ainda criança, aos sete anos, vi chegar ao bairro onde morava, na Cidade Dutra, Zona Sul de São Paulo, uma construção, que daria lugar a um CEU. Nós, crianças, atribuindo as imagens por nós reconhecíveis, nos questionávamos quão longe deveria ser uma rua para o alcance do céu.

O CEU Cidade Dutra (Centro Educacional Unificado) surgiu transformando o bairro. Vi pessoas começarem a frequentar aquele lugar além das salas de aula, no teatro, na piscina, nas atividades diversas que aquele espaço possibilitava.

A imagem do terreno baldio em construção permaneceu no meu imaginário. Entrei na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo com o desejo de transformar espaços, espaços férteis para a transformação de pessoas e de suas dinâmicas. Me vi nos estudos de arquitetura escolar e nesse caminho compreendi que o espaço educativo estava nos entremeios das relações humanas, além das margens da escola. No caminho para entender qual era essa “rua” que levava ao alcance efetivo do espaço educativo, percebi que os projetos arquitetônicos isolados não trariam respostas. Estas só seriam alcançadas se comunicadas por aqueles que constituem os espaços, que o apreendem de vivências e memórias.

Nesse processo, em uma busca pelas raízes das minhas vivências na Zona Sul de São Paulo, encontrei a Ilha do Bororé. As represas Billings e Guarapiranga eram elementos presentes nas minhas memórias, mas

nunca tinha atravessado suas margens. Na travessia da Billings, cheguei ao Bororé. Meu primeiro contato com aquele lugar, no extremo Sul de São Paulo, em uma Área de Proteção Ambiental (APA Bororé-Colônia), se deu por meio da Casa Ecoativa, coletivo de cultura, meio ambiente e educação localizado em uma antiga casa de funcionários da EMAE (Empresa Metropolitana de Águas e Energia), empresa responsável pela construção das represas. Na apreensão das dinâmicas do local, a Ecoativa mostrou-se um importante agente nos processos educativos, realizando atividades com a Escola Estadual Adrião Bernardes e com o Centro de Educação Infantil Luiza Sophia Roschel, assim como com outros sujeitos do Bororé e do Grajaú.

Do meu primeiro contato com o Bororé, em 2016, fui em 2018 participar do Grupo de Extensão Grajaú, do GEMAP (Grupo de Monografias da FAU-USP). Os projetos de mapeamento com a E.E Adrião Bernardes e Ecoativa tiveram dois momentos: a territorialização por meio do mapeamento e a apreensão de aspectos da memória deste processo para a construção de um memorial.

Diante dos meus questionamentos acerca do espaço educativo e das dinâmicas percebidas naquele lugar, surgiram os estudos de projeto do presente trabalho. Naquele momento, os moradores do Bororé juntamente com a AMIB (Associação de Moradores da ilha do Bororé) estavam em processo de regularização de um terreno que havia sido doado para a construção de uma praça. Do mutirão realizado, foram sistematizados em processo participativo o projeto da praça que aqui consta.

Este trabalho é, portanto, uma reflexão do espaço educativo além das margens que a escola estabelece. Se estrutura em dois momentos: uma reflexão teórica sobre a produção escolar e a relação dessas edificações com a cidade; uma reflexão a partir da experiência, do diálogo com o Bororé e com os sujeitos que nas suas atuações estabelecem um processo educativo que extrapola a escola.

participantes do projeto

Grupo de Monografias da FAU-USP (GEMAP 2017-2019)

Analú Garcia
Christopher Belasco
Flávia Tadim Massimetti
Georgia Riquelme Barriga Sharp
Jayne Silvestre
Jessica Zampieri
Jorge Bassani
Marla Rodrigues
Nara Sane
Pedro Henrique Aragao Sena
Pedro Henrique Reis
Tarsila Hamada
Thiago Vital do Carmo

Casa Ecoativa

Estela Cunha
Gabriela Galvão
Jailson Pongiluppi Lara
Vanilson Fife Rosa
Wellington Neri

Escola Estadual Adrião Bernardes

Adrielle Letícia Santana da Silva
Ana Carolina Rodrigues da Silva
Beatriz Santos Lima
Genilson de Lima S. Junior
Giovanna dos Santos Rezende
José Carlos Nicacio Caldas
Kawan Souza F. Guerra
Marco Antonio Araújo dos Santos
Maria Clara Barbosa Cavalcanti

Otávio de Oliveira Nogueira
Yasmin Fernandes Santana

Os nomes de alguns estudantes da Escola Estadual Adrião Bernardes não constam na lista, pois não foram coletados a tempo da finalização deste texto. De qualquer forma, fica aqui registrado o agradecimento a todos eles e as pessoas envolvidas no projeto

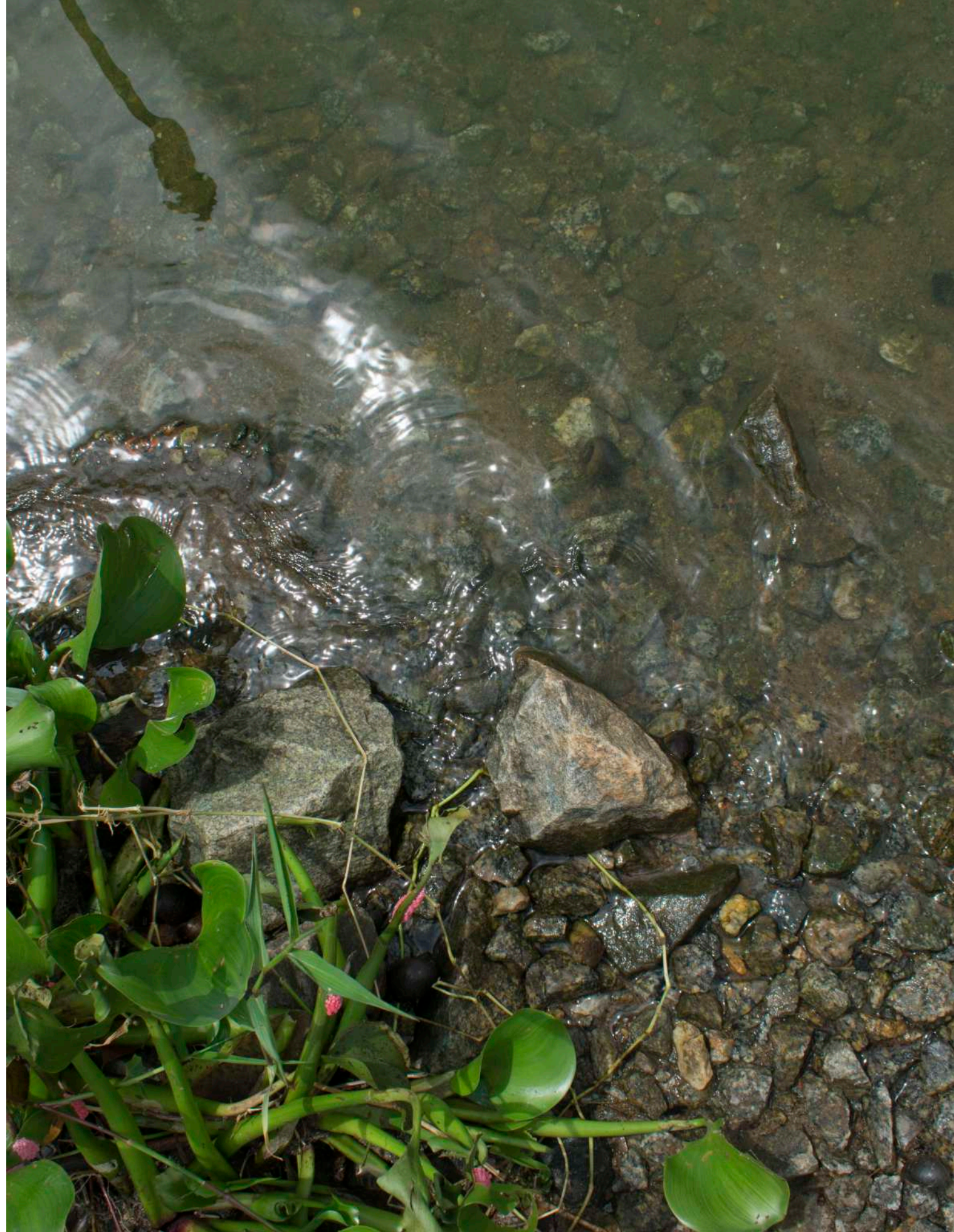
Entrevistados

Eva Florentino Pontes
João dos Reis Ribeiro
Nelson Pereira da Silva
Sueli Rocha

Crianças participantes da “Ecoativa Férias”, integrantes da Associação de Moradores da Ilha do Bororé (AMIB), UBS Alcina Pimentel Piza, e demais moradores do Bororé.

sumário

	introdução	24
1.	ilha do bororé, grajaú, sp	30
2.	bororé é um mundo	42
3.	a escola	56
4.	a rua	70
5.	a praça	82





às margens da educação

educação pela pedra

uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela dicção ela começa as aulas).
a lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e ao fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

outra educação pela pedra: do sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
no sertão a pedra não sabe lecionar,
e, se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

NETO, João Cabral de Melo.
A educação pela pedra. Rio de Janeiro:
Objetiva, 2008. Pág 112.





um olhar pela experiência

Ilha do Bororé, espaço localizado às margens da cidade de São Paulo, à beira da represa Billings, evoca as mais múltiplas curiosidades. A primeira aproximação a esse espaço se deu pela dimensão da experiência:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 2002, pág 24).

Um processo de descoberta em que permitimos que algo nos aconteça, nos alcance e nos transforme. A materialidade do Bororé, seus sujeitos em coletividade e as transformações por eles realizadas me levaram a questionar o quanto esses sistemas juntos possuíam potencial educativo e o quanto eles efetivamente educavam, pergunta que levou ao presente trabalho.

a construção dialógica

Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido (2018), estrutura uma educação que visa a liberdade baseando-se no diálogo. Parte-se da situação concreta, presente, existencial, visto que os sujeitos no mundo são dimensões concretas e históricas de uma realidade. No processo para a transformação da realidade opressora a que os oprimidos estão submetidos, educadores e educandos devem ser considerados ambos sujeitos da ação, constituindo assim uma educação realizada pelo diálogo entre eles, entre estes e o mundo.

A partir da experiência, do sentir a dimensão concreta do espaço, foi pensado um processo que dialogasse com essa materialidade e que envolvesse sujeitos, cuja vivência do espaço fosse conhecimento construído. A estrutura das ações a seguir descritas foi pensada em diálogo constante com estudantes e professores da Escola Estadual Adrião Bernardes, membros do coletivo Casa Ecoativa, e outros sujeitos da Ilha do Bororé. Para tanto, as ações se dividem em três frentes: o reconhecimento de si no espaço pelo mapeamento; o reconhecimento da memória e dos processos históricos desse espaço por meio de entrevistas; a intervenção no espaço. O processo iniciou-se na escola e chegou a dimensão comunitária, resignificando o espaço do processo educativo, a princípio intramuros escolares, depois na rua, na praça, na comunidade inteira.

O diálogo escola-comunidade, que mostrou ser efetivo na Ilha do Bororé, consolidou os questionamentos do estudo acerca de qual o espaço da educação. Em relação dialética, o estudo trouxe um novo olhar para as ações na Ilha do Bororé e qualificou as intervenções, apontando quais elementos daquele espaço eram importantes para o processo educativo, sendo assim requalificados para potencializar as ações pedagógicas.





1. ilha do bororé, grajaú, sp

bororé - história e ocupação

bororé *etm tupi*.

veneno vegetal utilizado por indígenas na ponta de flechas¹

¹fonte: dicionário priberam

As primeiras ocupações do que hoje é a Ilha do Bororé se deram por grupos indígenas. A região era parte do caminho para o litoral, trilha conhecida por “Caminho Conceição de Itanhaém”, segundo Zenha (1977). No século XIX, a região abastecia a capital com produtos agrícolas e madeira. Por iniciativa governamental do Império, formase a colônia alemã, em 1827. No século XX, nova onda de imigração, nesse caso japonesa, chega à região (Programa Patrimônio 2010).

A região localiza-se no que foi o antigo Município de Santo Amaro, anexado à São Paulo em 1935 (Decreto estadual 6.983). O antigo município, na época em ascensão econômica, foi anexado à capital paulista em decorrência de sua expansão, processo que viria a formar a futura metrópole. Consequência desse mesmo processo, alguns anos antes, a empresa The São Paulo Trainway, Light and Power Company Ltd. foi responsável pela construção de uma represa no rio Guarapiranga (em 1907), controlando a vazão do rio Tietê e a produção energética da Usina Edgar de Souza, localizada nesse mesmo rio (MARTINS DOS SANTOS, 2003, pág 62)

Com o crescente aumento de consumo de energia elétrica em São Paulo e dos constantes alagamentos decorrentes das cheias dos rios Pinheiros e Tietê, foi iniciada a construção de outra represa em 1926, projeto do engenheiro Asa White Kenney Billings, que deu nome a sua obra. O engenheiro da empresa The São Paulo Trainway, Light and Power Company Ltd,

“Planejou represar os rios Jurubatuba e Bororé, afluentes do Pinheiros, formando um outro lago: essas águas seriam lançadas a 740 metros de altura sobre turbinas da Usina de Cubatão [Henry Borden, prevista no projeto], que iria suprir São Paulo da energia que faltava.” (DOS SANTOS, 2003, 1981, pág 100).

às margens da educação

Com a construção das represas, o espaço urbano passou por diversas modificações. Houve, inicialmente, um avanço urbano-industrial para a região, com a construção da Avenida Washington Luiz em 1928, ligando Santo Amaro ao centro de São Paulo. Construções como o Aeroporto de Congonhas, Autódromo de Interlagos e bairro-jardim homônimo foram realizadas na região durante a década de 1930. Ao longo das margens, surgiram balneários, cassinos, hotéis e clubes. No plano urbano de crescimento da capital, Santo Amaro se apresentava como eixo de expansão industrial, pois abrigava linha férrea, represas, energia elétrica e água (DOS SANTOS, 2003), mantendo, ainda, ao sul, região predominantemente rural.

Com o alagamento das represas, a região do Bororé passou a ser conhecida por Ilha do Bororé, decorrente do braço d’água que o circunda e que constitui efetivamente uma península. No Bororé é possível inferir diversos elementos urbanos representativos da história da região: a presença de atividade agrícola no que fora designado como área rural; sítios, chácaras de veraneio, clubes e um antigo cassino; a Igreja de São Sebastião, datada de 1904, entre outros.

bororé - dados e indicadores

A Subprefeitura de Capela do Socorro é estruturada no eixo viário que compreende a Avenida Washington Luiz, Avenida Victor Manzini, Avenida Interlagos, Avenida Atlântica e Avenida Rio Bonito, tendo uma centralidade regional em Santo Amaro.

Os eixos viários Avenida Paulo Guilguer Reimberg e Avenida Belmira Marin estruturam uma região de ocupação mais irregular e precária, o que é aferido por maiores números de ZEIS 1 e 4.

Enquanto oferta de transporte, a região é servida de transporte motorizado coletivo, com destaque para a Linha 9-Esmeralda da CPTM. Cerca de 36% da população gasta mais de uma hora em viagens diárias.

Em relação ao índice Paulista de Vulnerabilidade Social, a região possui valores superiores a média do município de São Paulo. Os distritos possuem discrepâncias entre si, de modo que Socorro e Cidade Dutra apresentam valores superiores à Grajaú, o pior da região, com 43,1% de vulnerabilidade (FUNDAÇÃO SEADE).

Há defasagem em equipamentos públicos de cultura e lazer. Segundo o mapa da Desigualdade (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2016), o distrito do Grajaú, aparece com indicador zero nos seguintes eixos de análise: centros culturais, casas e espaços de cultura; cinemas; museus; teatros. Por isso, é sexta posição nos piores distritos da cidade.

Quanto à conservação ambiental, ao sul do distrito do Grajaú, tem-se uma área bem conservada, zonas que segundo o zoneamento são Zonas Especiais de Proteção Ambiental – ZEPAM e Zonas de Proteção e Desenvolvimento Sustentável Rural – ZPDSr, sendo áreas de caráter rural, com produtores rurais, chácaras e ecoturismo. Há também extensas áreas de Zona Especial de Preservação – ZEP, com parques naturais municipais resultantes da compensação do Rodoanel.

O Bororé é demarcado como uma importante APA, a APA Bororé-Colônia, responsável por 6% da área de cobertura do município, possuindo inúmeras nascentes, córregos e ribeirões que drenam para as Bacia Guarapiranga e Billings:

“Criada pela Lei n. 14.162, de 24 de maio de 2006, a Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Bororé-Colônia é caracterizada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC – Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000) como uma Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável. De acordo com o SNUC, o objetivo básico das Unidades de Conservação de Uso Sustentável é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais.”¹

¹ www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_bororecolonia/index.php?p=41963; acesso em 16/06/2019

Em relação ao índice Paulista de Vulnerabilidade Social, a região possui valores superiores a média do município de São Paulo. Os distritos possuem discrepâncias entre si, de modo que Socorro e Cidade Dutra apresentam valores superiores à Grajaú, o pior da região, com 43,1% de vulnerabilidade (FUNDAÇÃO SEADE).

Há defasagem em equipamentos públicos de cultura e lazer. Segundo o mapa da Desigualdade (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2016), o distrito do Grajaú, aparece com indicador zero nos seguintes eixos de análise: centros culturais, casas e espaços de cultura; cinemas; museus; teatros. Por isso, é sexta posição nos piores distritos da cidade.

Quanto à conservação ambiental, ao sul do distrito do Grajaú, tem-se uma área bem conservada, zonas que segundo o zoneamento são Zonas Especiais de Proteção Ambiental – ZEPAM e Zonas de Proteção e Desenvolvimento Sustentável Rural – ZPDSr, sendo áreas de caráter rural, com produtores rurais, chácaras e ecoturismo. Há também extensas áreas de Zona Especial de Preservação – ZEP, com parques naturais municipais resultantes da compensação do Rodoanel.

O Bororé é demarcado como uma importante APA, a APA Bororé-Colônia, responsável por 6% da área de cobertura do município, possuindo inúmeras nascentes, córregos e ribeirões que drenam para as Bacia Guarapiranga e Billings:

“Criada pela Lei n. 14.162, de 24 de maio de 2006, a Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Bororé-Colônia é caracterizada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC – Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000) como uma Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável. De acordo com o SNUC, o objetivo básico das Unidades de Conservação de Uso Sustentável é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais.”²

1. ilha do bororé, grajaú, sp

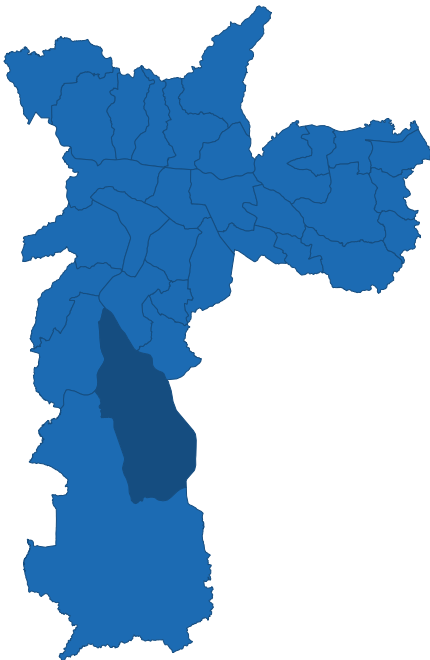


figura 1. Localização Subprefeitura Capela do Socorro. Fonte: Realizado pela autora

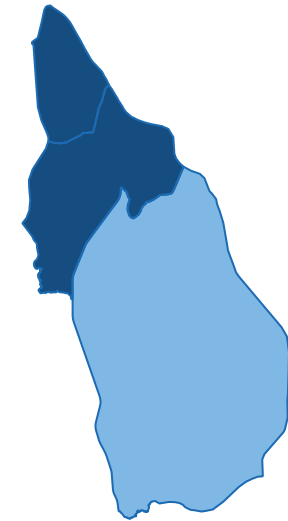


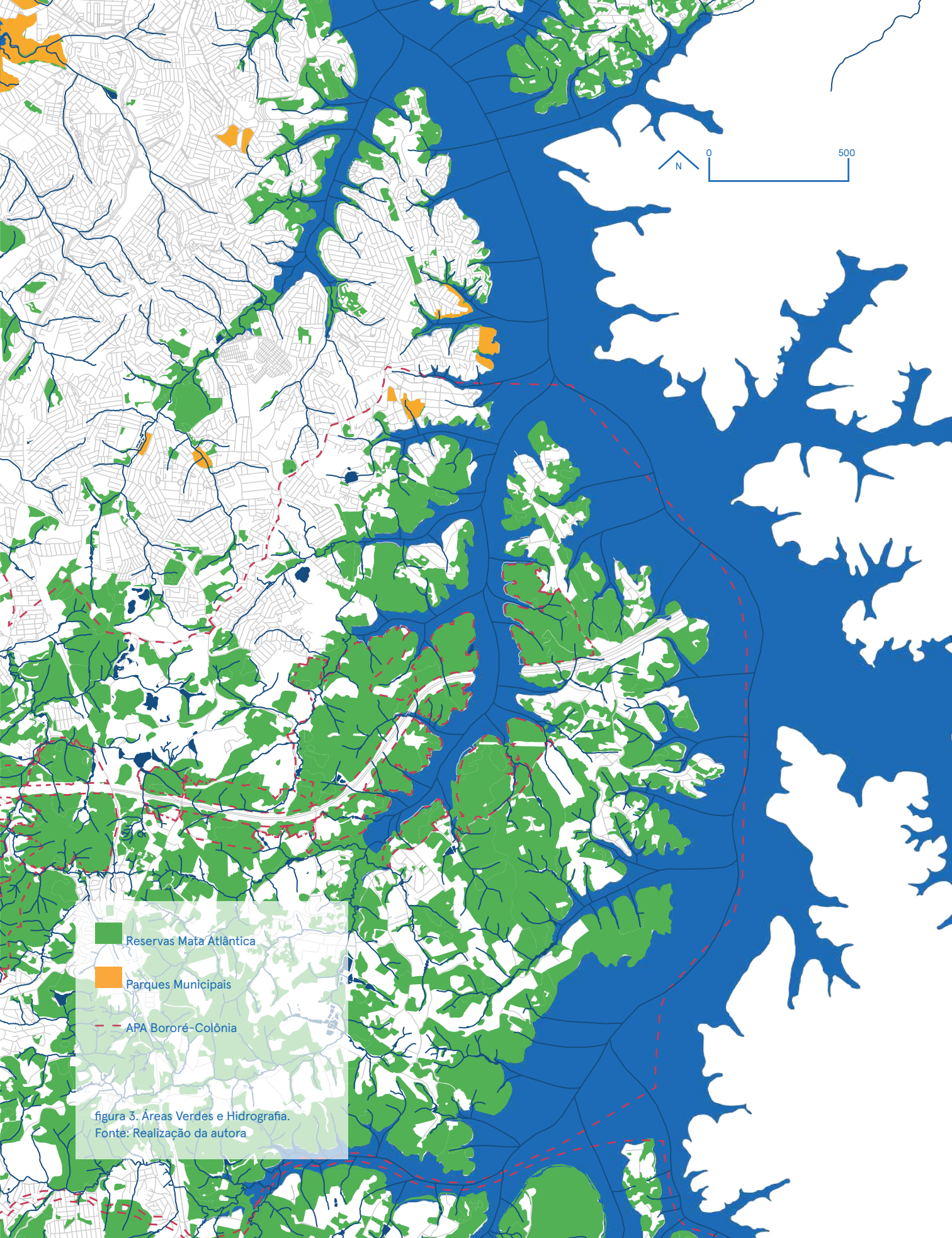
figura 2. Localização distrito do Grajaú na Subprefeitura Capela do Socorro. Fonte: Realizado pela autora

município de são paulo
área: 1521 km²
população: 11,2 milhões
densidade demográfica: 7.398,26 hab/km²
- região sul é composta pelas subprefeituras: campo limpo; m’ boi mirim; socorro; parrelheiros.

subprefeitura capela do socorro
formada pelos distritos: socorro; cidade dutra; grajaú.

grajaú
área: 92 km²
população: 361 mil
densidade demográfica: 3.922 hab/km² (fonte gemap)

ilha do bororé
área: 23,94 km²
população: 3 mil (segundo relatos sobre o bororé, massimetti, 74)
densidade demográfica: 0,21 hab/km²
distância do centro: 25 km



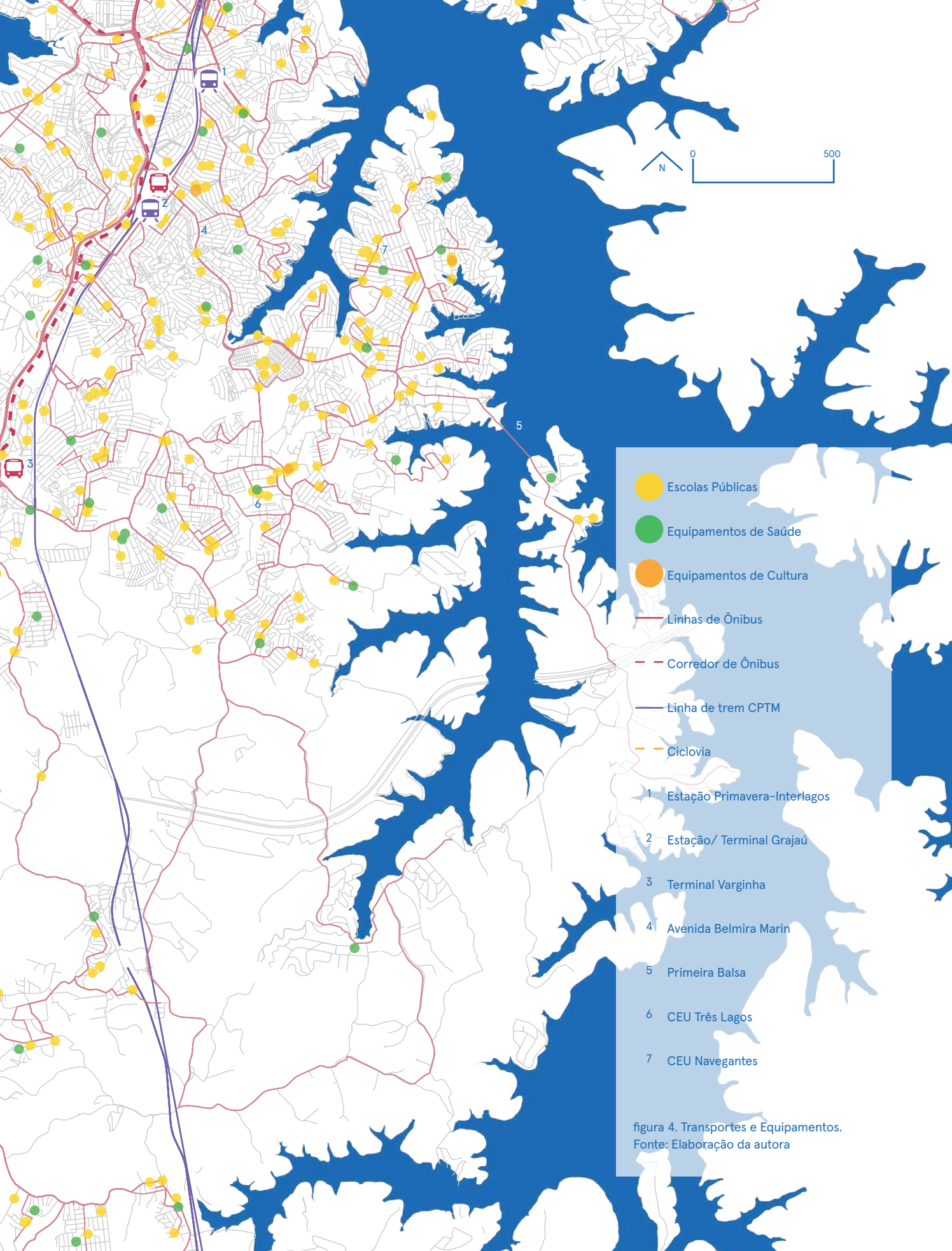


figura 4. Transportes e Equipamentos.
Fonte: Elaboração da autora

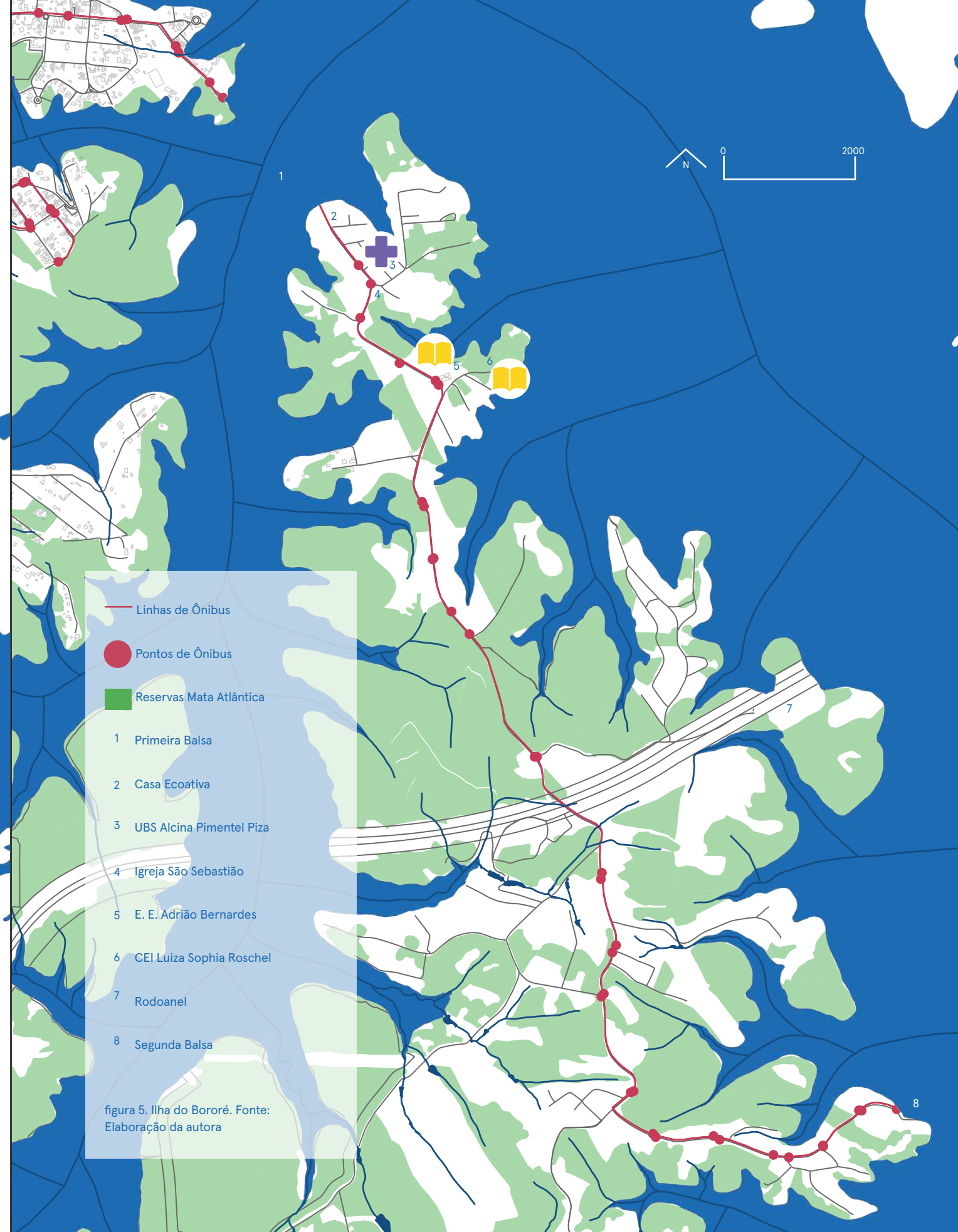


figura 5. Ilha do Bororé. Fonte:
Elaboração da autora



"acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. a gente só descobre isso depois de grande. a gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. há de ser como acontece com o amor. assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. justo pelo motivo da intimidade. (...) se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. sou hoje um caçador de achadouros da infância. vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos..."

BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: a infância. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018. Pág 53

2. bororé é um mundo

Em 2016, dois trabalhos finais de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo foram realizados na Ilha do Bororé: "(À) margem da cidade: o extremo sul de São Paulo", de Flávia Massimetti, e " Cartografias e Identidade", de Marla Rodrigues. Estes trabalhos levaram a constiuição de um grupo de extensão universitária. Desde 2017 diversas oficinas vêm sendo realizadas no Bororé, com o grupo de Extensão Universitária Grajaú vinculado ao GEMAP (Grupo de Estudos em Mapografias da FAU-USP), E.E Adrião Bernardes, Ecoativa, UBS Alcina Pimentel Piza, gestores da APA Bororé-Colônia, da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, agricultores locais, entre outros agentes.

O primeiro objetivo a ser alcançado era buscar o reconhecimento do espaço vivido pelos estudantes. Para tanto, em fevereiro de 2018, realizaram-se oficinas onde foram utilizadas técnicas de mapeamento estruturadas em quatro eixos

mapa geográfico

O objetivo da oficina foi identificar em, um mapa coletivo, características daquele território, como locais de moradia dos estudantes, caminhos, paisagens e espaços de de lazer, instigando a identificação ao território e o sentimento de pertencimento.

A segunda parte da atividade consistiu em uma deriva. os alunos propuseram de ir até um ponto onde pescavam próximo à escola, passando por um condomínio de casas e pela creche. No percurso, foram convidados a fazer registros, em foto, vídeo ou escritos. Na chegada à margem da represa, a conversa se encaminhou sobre aspectos relativos à meio ambiente, qualidade da água e atividades de lazer vinculadas à represa, como pontos onde nadavam e pescavam.

mapa antropológico

A segunda oficina buscou dar enfoque inicial nos aspectos individuais de cada um para depois entendê-los coletivamente.

às margens da educação

Para isso, foi realizado um mapa individual, onde os estudantes localizaram pontos que conheciam e frequentavam, e como percebiam individualmente aquele espaço. A próxima etapa foi a configuração de um mapa coletivo do Bororé.

mapa etnográfico

A oficina tinha como foco dois eixos – origem e identidade – de forma que foi trabalhado com os alunos as origens familiares e os processos de migração que levaram os pais e avós ao Bororé.

Para isso, na oficina anterior foi entregue uma árvore genealógica a cada estudante, para que pudessem preencher após conversas com familiares. Para sistematizar as informações foi confeccionado um mapa coletivo, onde cada alfinete era o estudante e seus pais/avós, interligados por linhas de costura.

mapa de patrimônio ambiental-cultural

A última atividade buscou trazer a discussão do patrimônio, conscientizando para uma valorização daquilo que os cercam e a eles pertencem. O grupo partiu da escola para a Casa Ecoativa, onde foram discutidos o que é patrimônio, desconstruindo os esteriótipos e valorizando aspectos culturais locais, o histórico de ocupação da ilha e a ação de coletivos culturais na região.

Ao longo de 2018 foram realizadas outras atividades de mapeamento, à exemplo do projeto desenvolvido com a ONG Teto, no qual os estudantes aprenderam sobre o uso dos softwares Wikiloc e Qgis no processo de construção de mapas. Nas reuniões organizativas foi apontada a intenção de realizar um memorial sobre a ilha. O grupo julgou que a discussão do espaço pudesse ser qualificada com abordagens que configurassem ainda mais características identitárias à Ilha. Dessa forma, o projeto do memorial, intitulado pelos estudantes de “Bororé ao Mundo”, iniciou entrevistas a moradores locais.



figura 1. Mapeamento realizado pelos estudantes da E.E. Adrião Bernardes. Fonte: GEMAP - FAUUSP



figura 2. Deriva realizada após a confecção do mapa coletivo. Fonte: GEMAP - FAUUSP



figura 3. Ponto de pesca apresentado pelos estudantes. Fonte: GEMAP - FAUUSP

figura 4. Mapa coletivo realizado pelos estudantes. Fonte: GEMAP - FAUUSP

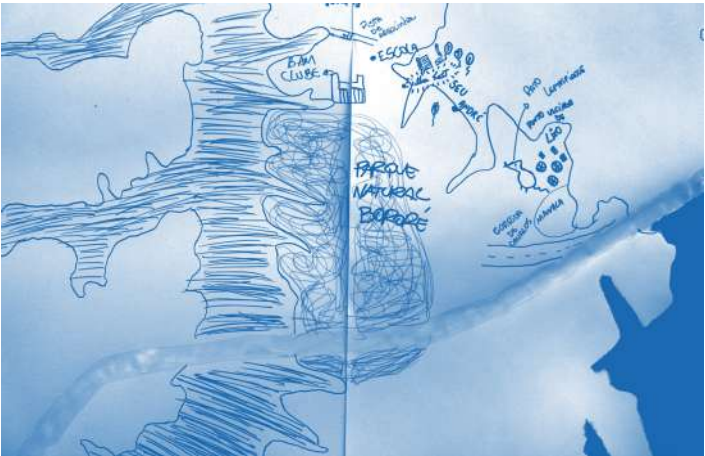


figura 5. Confecção do mapa de origem/ identidade. Fonte: GEMAP - FAUUSP



figura 6. O mapa evidenciou que os fluxos migratórios ao Bororé partiram principalmente do sudeste e nordeste do país. Fonte: GEMAP - FAUUSP





fig 7. Caminho da escola à Ecoativa.

Fonte: GEMAP – FAUUSP

fig 8. Roda de conversa na Casa Ecoativa.

Fonte: GEMAP – FAUUSP

entrevistas memorial bororé

As entrevistas foram organizadas de modo a contemplar moradores antigos da região, que pudessem falar sobre suas vivências das transformações da Ilha. Os primeiros entrevistados foram Dona Eva e Seu Nelson, avós do estudante Kawan Guerra. Ambos nasceram na ilha, quando o lugar ainda era o bairro de Itaquaquecetuba. Nelson Pereira da Silva nasceu em 1947 e Eva Florentino Pontes, em 1944. Eva morou um curto período de tempo em Santo Amaro, retornando logo para o Bororé, onde Nelson sempre esteve. Moradores de uma casa à beira da represa, contam: -Eva: “No tempo que meu pai trabalhava aqui, e meus irmãos mais velhos do que eu, não existia represa. Era só um rio, um ribeirão”. - Nelson: “O terreno, quando eles compraram, a família dela, fazia divisa com o rio, antes de formar a represa “. -Eva: “Quando a represa seca, a gente acha as raízes de antigamente”

Contaram um pouco sobre os processos da ilha, como o crescimento

populacional e a transformação do entorno da Capela São Sebastião, antes com várias casas antigas, restando destas hoje apenas o bar do Edinho, como relata Eva. Sobre a Capela São Sebastião, construída em 1904 e tombada em 1985 pelo CONPRESP, a segunda entrevistada Sueli Rocha, conhecida por zelar pela capela, conta que esta é de taipa e contém um santo de barro feito por indígenas: “ A estátua é toda de barro, montada em estanho (...) este santo da capela foi feito todinho a mão e pintado pelos índios”. Sueli mora no bororé desde jovem, tendo saído por um tempo mas retornado. Conta que na região moravam poucas pessoas e que antes a vegetação era ainda mais densa.

Outro entrevistado que acompanhou os processos de transformação da região foi João dos Reis Ribeiro. Vindo do interior em 1976, buscando melhores condições de vida, foi surpreendido, um ano após sua chegada, com o convite para fazer um relatório sobre um carro que havia caído da balsa – o encarregado gostou de seu trabalho e convidou-o para trabalhar lá. Começou a dirigir a balsa, onde vivenciou fatos nada corriqueiros, como um parto realizado na década de 1980. Seu João conta que estavam na balsa, quando viram um carro dando seta, em emergência. Ao entrar, descobriram que havia uma mulher em trabalho de parto – “Qual foi a surpresa nossa: chegou no meio da represa, não deu tempo, a criança nascendo. Aí vai uma vida né, vou fazer o que ...”. Flizeram o parto, e logo com a chegada da ambulância, a mulher e criança foram levadas ao hospital. De motorista da balsa à parteiro, Seu João hoje tornou-se o motorista do ônibus escolar. Ao se aposentar do emprego de balseiro, em 1999, quis continuar a trabalhar, quando foi convidado a ser monitor do ônibus escolar e logo começou a dirigir. Hoje são mais de vinte anos nessa função.

Essas e outras histórias constituem material coletado acerca da memória da ilha. O trabalho é realizado juntamente com atividades de mapeamento, onde são espacializados os espaços apontados nos relatos das entrevistas.



fig 9-11. Estudantes realizando mapeamento de espaços apontados nas entrevistas. Fonte: GEMAP - FAUUSP

fig 12. Entrevista com Eva e Nelson. Fonte: GEMAP - FAUUSP



fig 13. Entrevista com Sueli. Fonte: GEMAP - FAUUSP



fig 14. Entrevista com Tio João. Fonte: GEMAP - FAUUSP





2. bororé é um mundo

do como Betiza mas
de informação e o bairro

continua por Baixo chega a pista



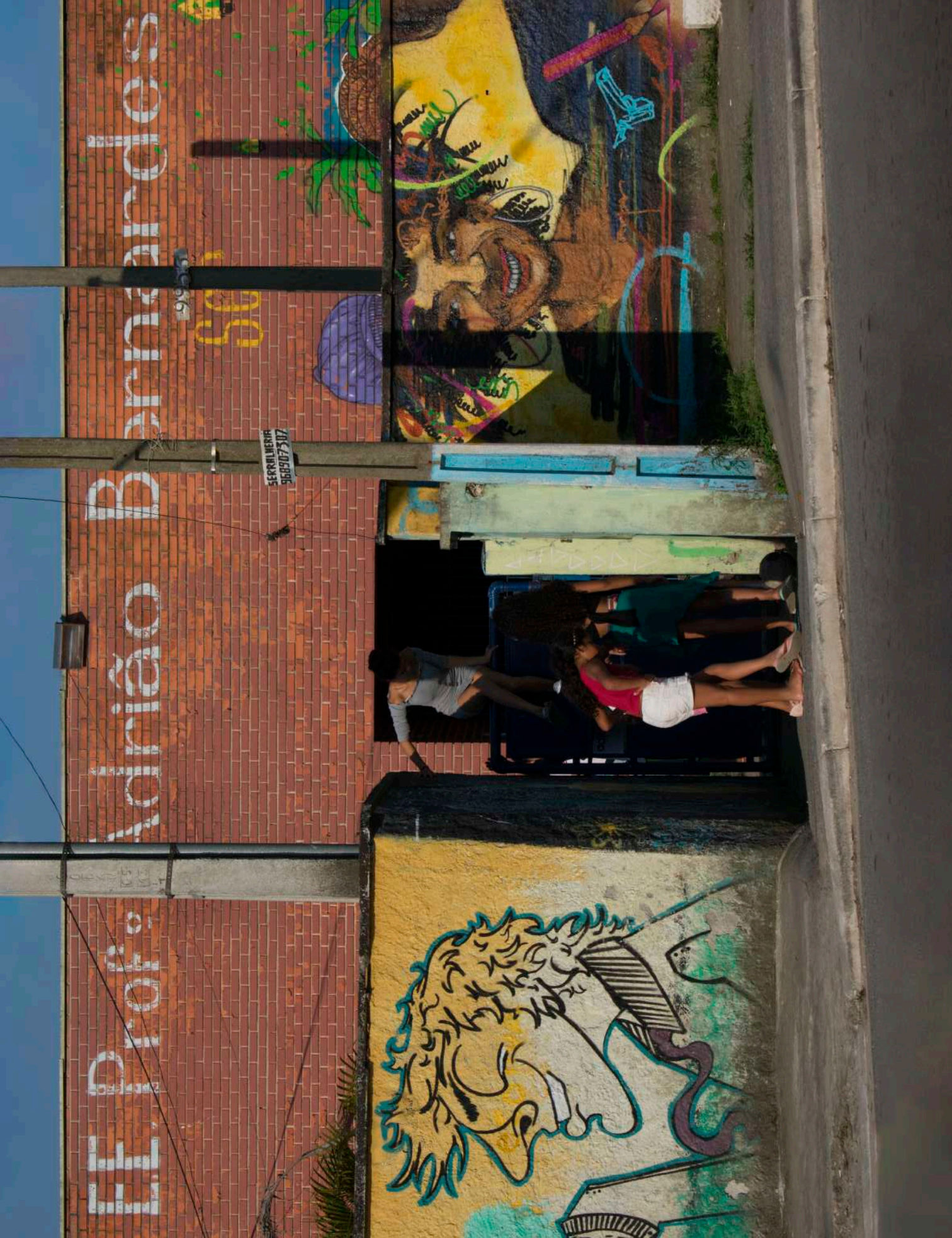
- 1 E. E. Professora Clarina Amaral Gurgel
- 2 UBS Alcina Pimentel Piza
- 3 Mural da Memória do Imagem
- 4 Bar do Edinho
- 5 Igreja São Sebastião
- 6 Sítio Paiquerê
- 7 E. E. Adrião Bernardes
- 8 CEI Luiza Sophia Roschel
- 9 Mercado da Betiza
- 10 Parque Natural Municipal do Bororé
- 11 Mirante Bororé

figura 15. Ilha do Bororé. Pontos apreendidos das atividades de mapeamento. Escala 1: 25 000. Fonte: Realização da autora a partir de dados obtidos nas oficinas na escola.



fig 16-23. Mural Memória realizado pelo coletivo Imagem. Foto: Sofia Tomic





às margens da educação

“comecemos pelas escolas: se alguma coisa deve ser feita para ‘reforma’ os homens, a primeira coisa é ‘formá-los’. o argumento é quase esgotado, avalanches de livros e opúsculos, os ecos de intermináveis discursos e preleções o acompanham: é natural que se deva começar pelas escolas, todos o sabem, é uma coisa adquirida, que como tôdas as coisas adquiridas passou logo para a rotina das coisas que não produzem mais efeitos. fazer escolas, fazer escolas, fazer escolas.(...) começemos pelas escolas e sobretudo começemos pela arquitetura.”

BARDI, Lina Bo. Primeiro: escolas. In: Revista Habitat, n. 4. São Paulo: 1950. Pág 1

3. a escola

A Escola Estadual Adrião Bernardes foi o espaço do primeiro encontro com o Bororé. Com ações diversas na ilha, juntamente com a Casa Ecoativa, coletivo de gratifi Imargem, a CEI Luiza Sophia Roschel, a UBS Alcina Pimentel Piza, e outros, a escola mostra-se como um importante elemento estruturador:

“A escola é o único espaço que as cidades paulistas oferecem universalmente como possibilidade de reconquista dos espaços públicos e populares. (...) A reconquista requer o rompimento da escola/prisão/fortaleza e sua transformação na escola/praza/parque.” (LIMA, 1998, pág 102)

Inicialmente, o lugar onde encontra-se a atual escola abrigava uma antiga, de madeira, construída por um fazendeiro da região, como relata a moradora Eva Florentino Pontes:

“Quando eu estudei na escola, eu tinha sete anos, era um escola de madeira, que tinha muito pouco aluno (...) tinha uns trinta alunos mais ou menos”

Relata, assim como Sueli Rocha, que a escola é no mesmo lugar que encontra-se a atual e como foi o processo para sua construção:

“Antes dessa escola, não tinha nada, então como era fazenda, aí veio (sic) umas pessoas de fora e foi essa pessoa que fundou a escola e depois o posto de saúde para nós. Foi o Doutor Toledo Pisa. Ele pegou e montou a escola de madeira. Antes da escola, (as pessoas) iam aprender na fazenda ... ”

A Escola porém era só até a terceira série, os estudantes iam estudar após esse período em outra escola do outro lado da represa, no Grajaú. O processo para a construção da escola nova foi longo. Somente em 1987, com projeto realizado durante a vigência da Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo (CONESP), no momento no qual a arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima era diretora, a escola foi construída.



figura 1. Implantação escola. Escala 1:7500. Fonte: elaboração da autora pela extensão Bing disponível no QGIS

diagnóstico

Na dirigência do CONESP, Mayumi institui um processo de padronização arquitetônica, ao mesmo tempo que buscou alternativas para a participação popular, porém muito incipientes, sendo concentradas na área central. Não há registros de que houveram ações participativas da comunidade do Bororé para a construção da E.E. Adrião Bernardes.

Com área construída de 2084,21 m², a escola passou por diversas intervenções ao longo dos anos. Atualmente consta na Fundação para Desenvolvimento da Educação (FDE), órgão estadual responsável pela edificação escolar, um novo projeto, com inclusão de interferências para a garantia de acessibilidade.

No acompanhamento do cotidiano escolar, evidenciou-se, a priori, a necessidade de ações de manutenção no edifício, como reparo de piso e rachaduras. Professores mostraram ainda a necessidade de um auditório para atividades com grupos maiores.

Foram inseridas grades por toda a escola. Aos sábados, a escola é aberta pelo programa Escola da Família⁴, mas permanece fechada aos domingos. Em uma das visitas ao Bororé, em um domingo, crianças estavam pulando o muro da escola para utilizar a quadra, o que evidencia a demanda de uso daquele espaço para lazer.

Este trabalho não propõe intervenções arquitetônicas para a escola, visto que esse processo não foi efetivamente iniciado com a comunidade. O estudo que segue apresenta, a partir da experiência da autora naquele espaço, proposições fundamentadas no estudo realizado, a serem discutidas a posteriori.

⁴Escola da Família é um programa do Estado de São Paulo que propõe a realização de diversas atividades aos finais de semana, estruturado em cinco eixos: esportes, cultura, qualificação para o trabalho, saúde e aprendizagem. fonte: www.escoladafamilia.fde.sp.gov.br/

diretrizes e estudo

A partir do acompanhamento do cotidiano escolar, e com vistas a melhorar a inserção física da escola no bairro, propõe-se:

- Retirada de parte das grades em espaços onde não há risco de furto de material escolar, como no pátio, por exemplo. As grades reforçam a concepção de escola-prisão, em contrapartida que se propõe a escola-parque/praça/bairro;
- Construção de acesso independente para as quadras, de modo a permitir acesso aos domingos e em dias nos quais a escola estiver fechada;
- Construção de um auditório para atividades com várias turmas em espaço coberto;
- Melhoria da ligação da E.E Adrião Bernardes com a CEI Luiza Sophia Roschel, proporcionando maiores trocas intergeracionais entre estudantes de diferentes turmas e potencializando a dimensão do caminho no bairro-educador.

figura 2. Implantação original E.E Adrião Bernardes , inicialmente E.E.P.G Santa Mônica-Parelheiros. Projeto de Szpiegel/ Magalhães Arquitetos Associados para o CONESP (1987. Escala 1:500. Fonte FDE

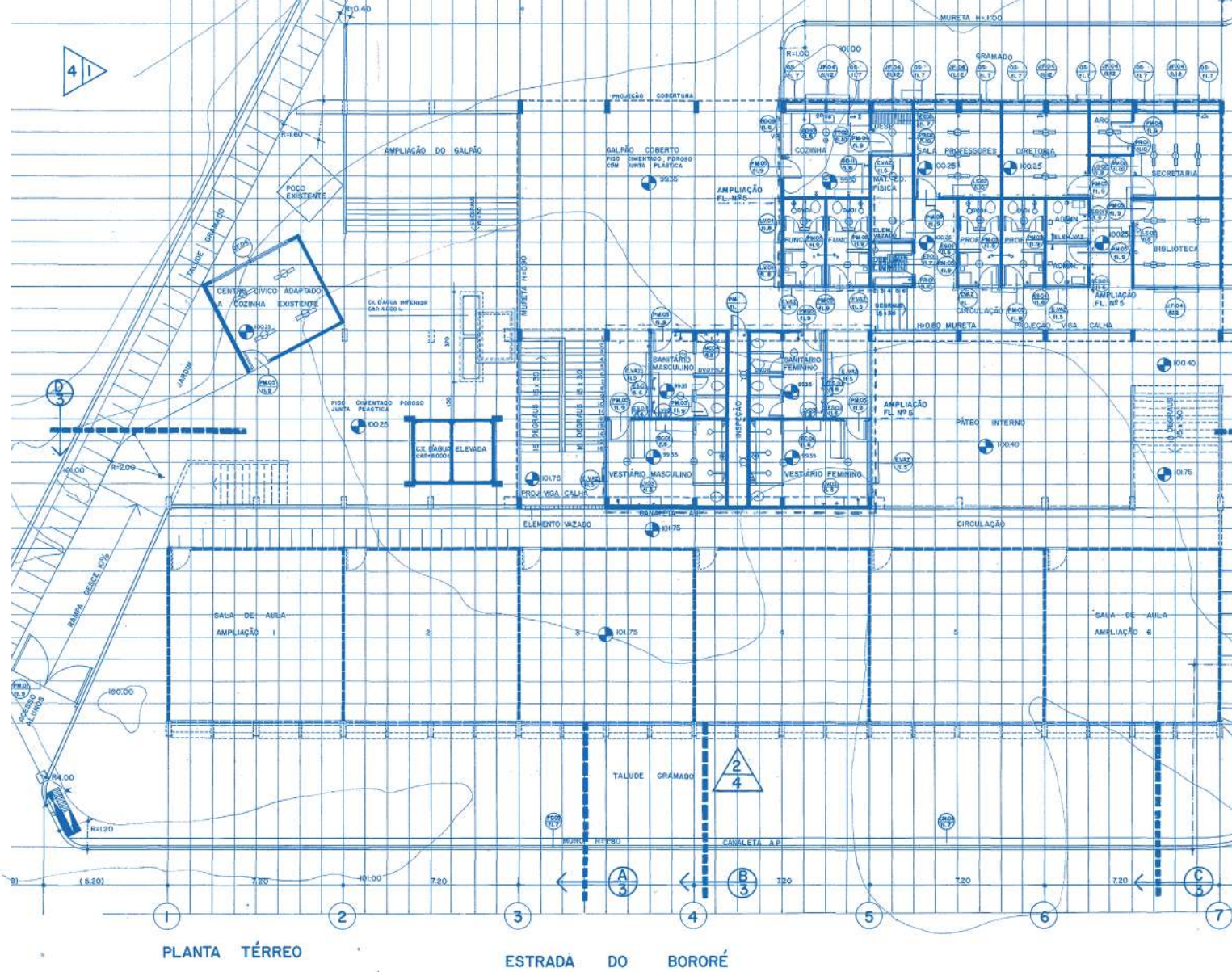
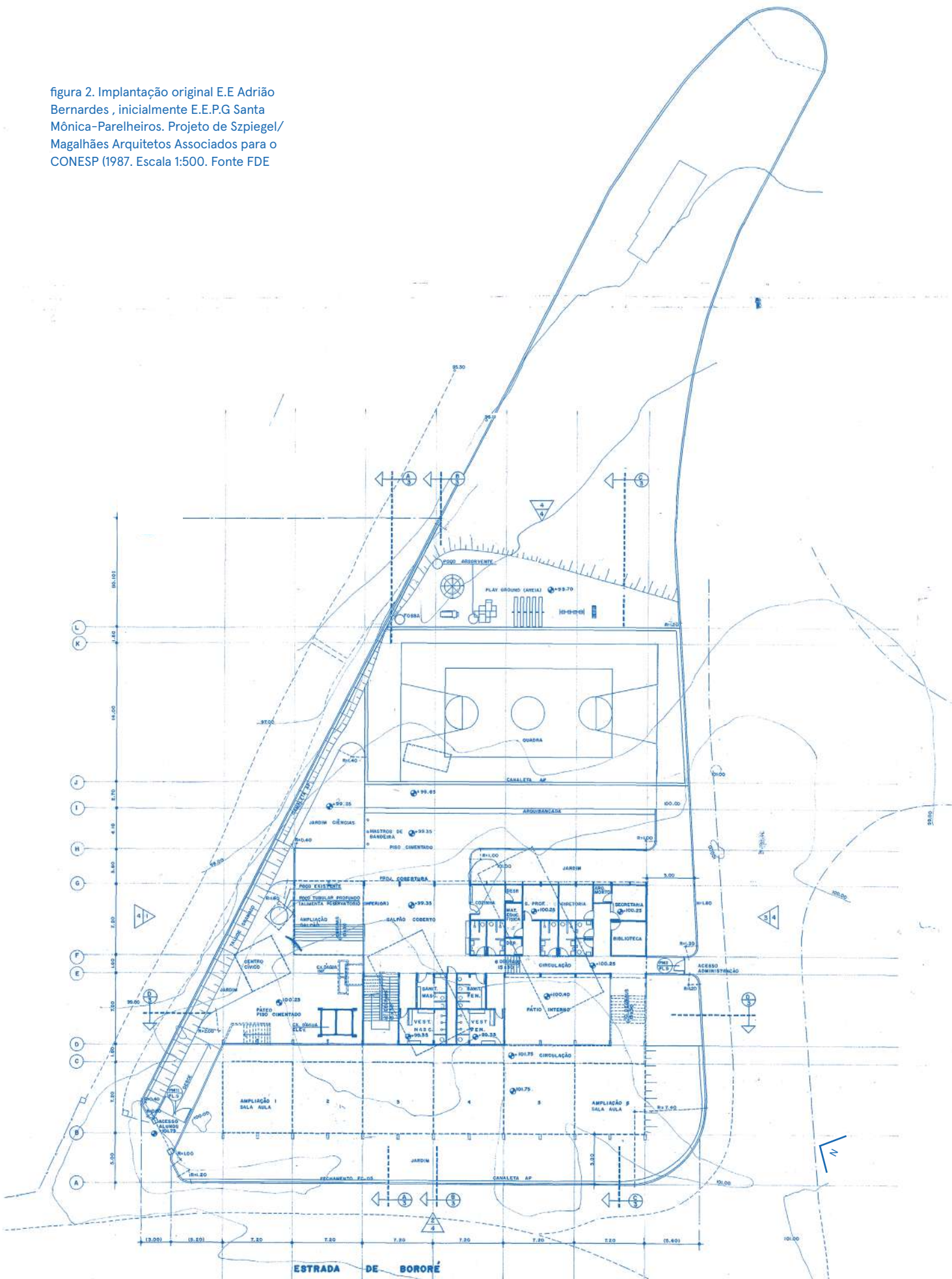
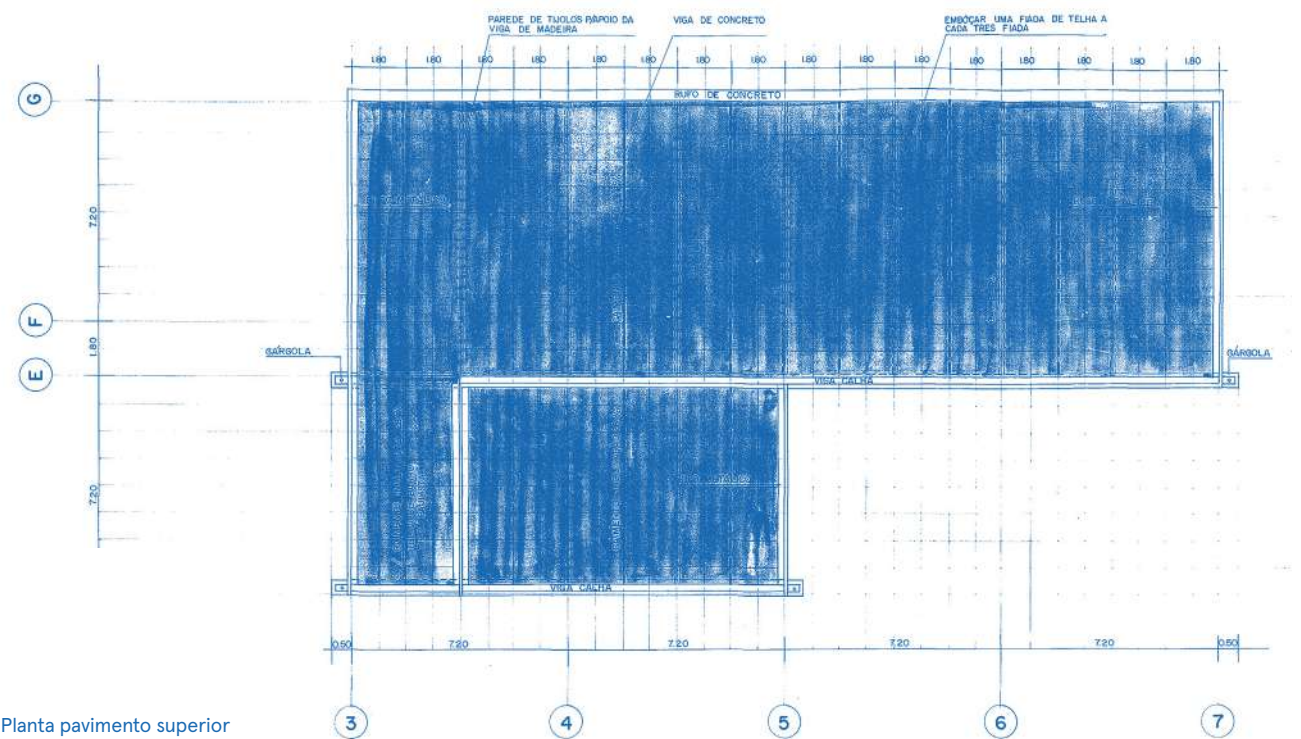


figura 3. Planta térreo E.P.G Santa Mônica-Parelheiros. Projeto de Szpiegel/ Magalhães Arquitetos Associados para o CONESP (1987) . Escala 1:250. Fonte FDE



figuras 4 - 5. Planta pavimento superior e cobertura E.P.G Santa Mônica- Parelheiros. Projeto de Szpiegel/ Magalhães Arquitetos Associados para o CONESP (1987). Escala 1:250. Fonte FDE

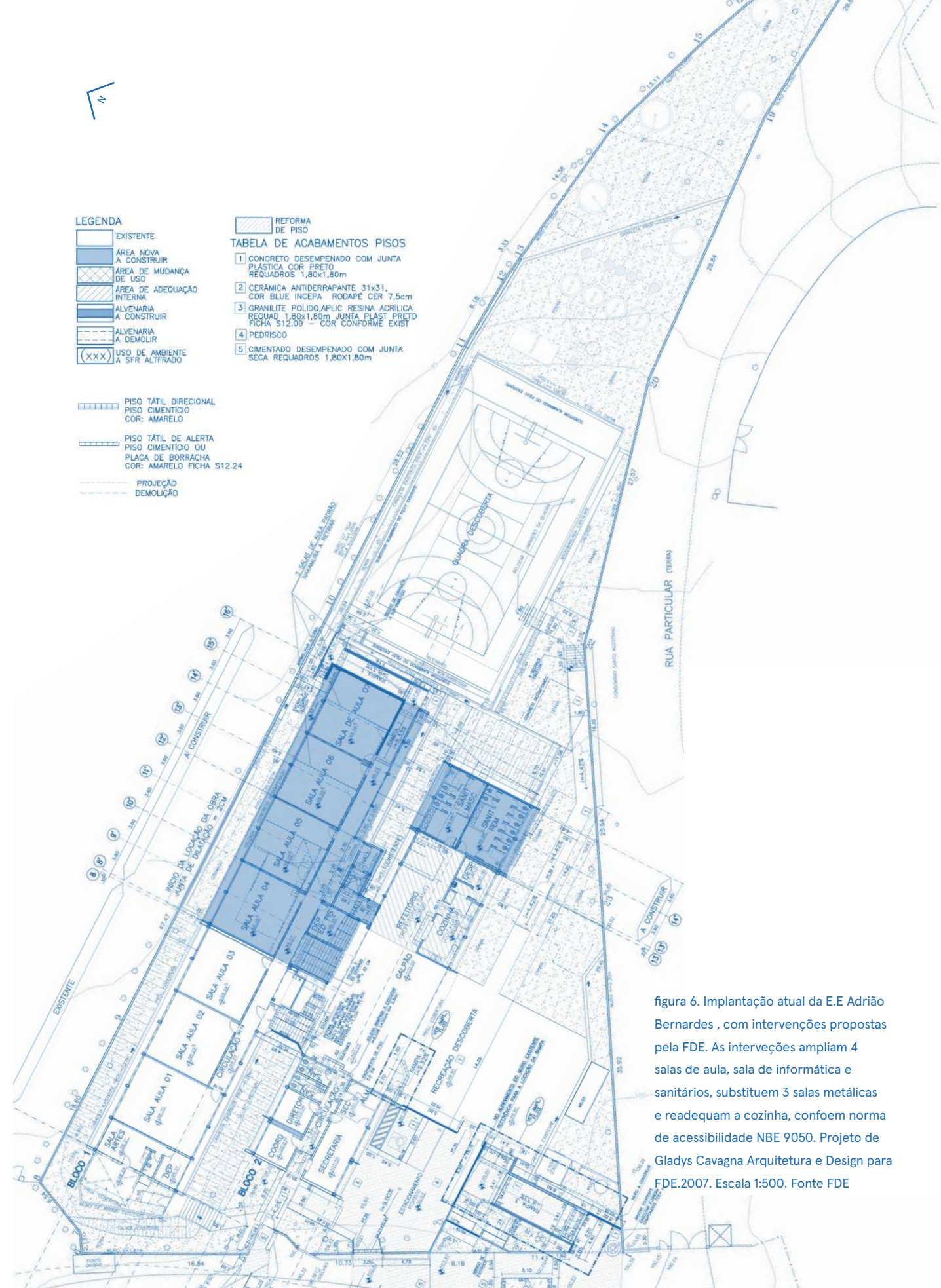


figura 6. Implantação atual da E.E Adrião Bernardes , com intervenções propostas pela FDE. As intervenções ampliam 4 salas de aula, sala de informática e sanitários, substituem 3 salas metálicas e readequam a cozinha, confoem norma de acessibilidade NBE 9050. Projeto de Gladys Cavagna Arquitetura e Design para FDE.2007. Escala 1:500. Fonte FDE

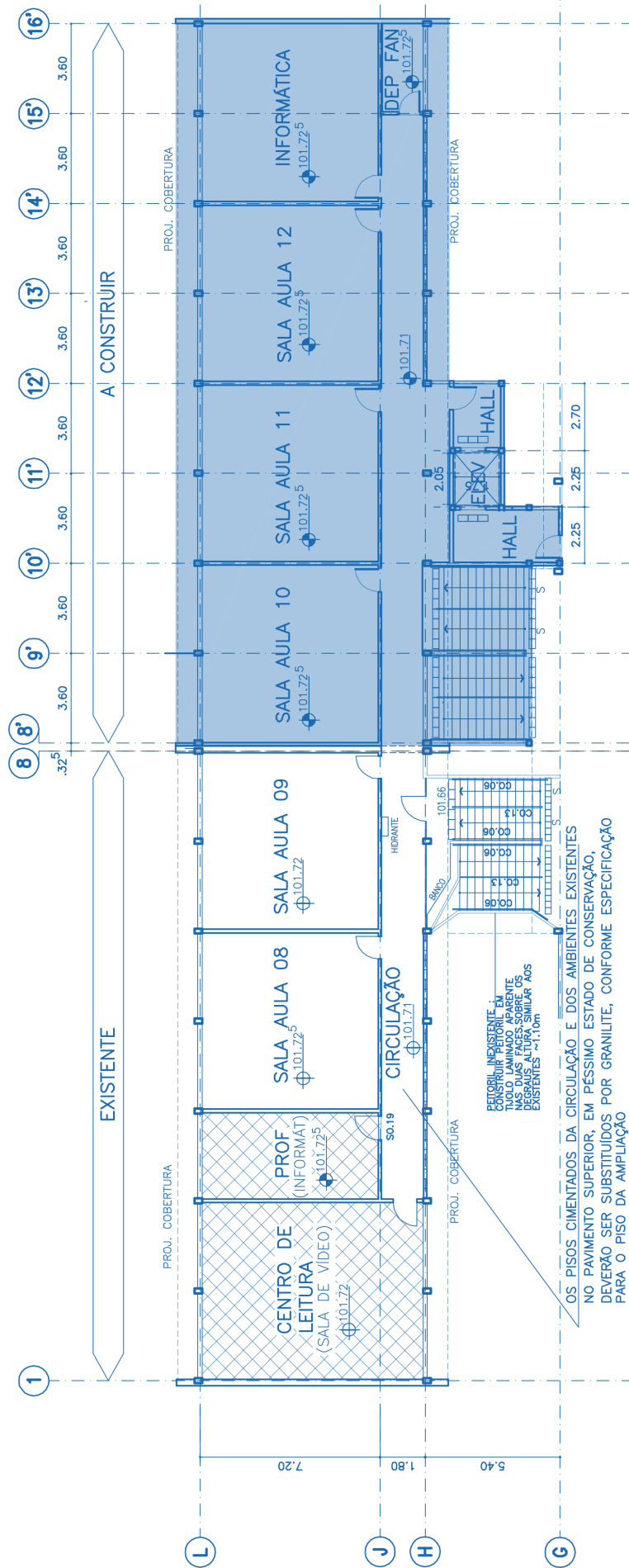
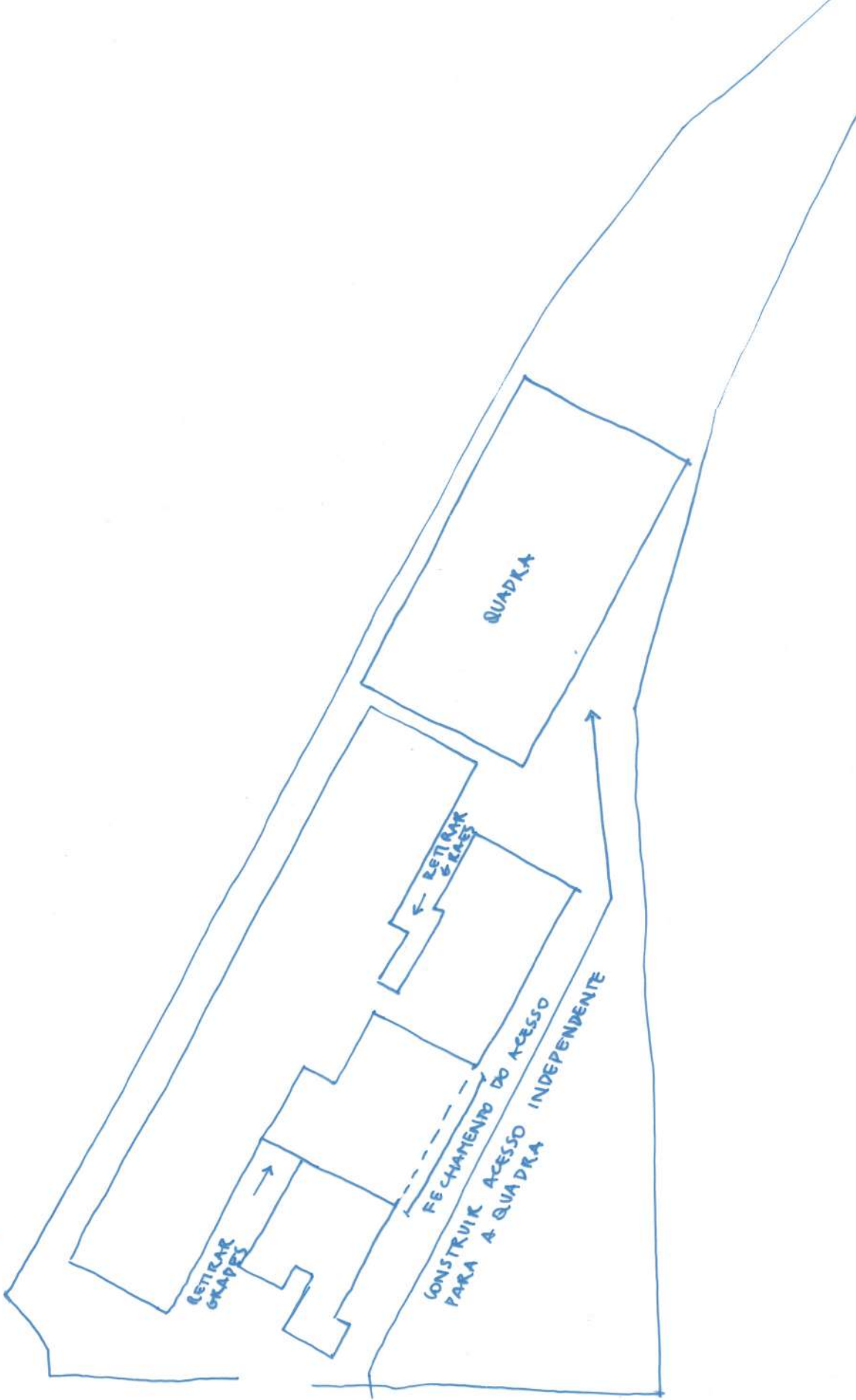


figura 7. Planta pavimento superior com propostas de ampliação. Gladys Cavagna Arquitetura e Design para FDE 2007. Escala 1:250. Fonte FDE

figura 8. Propostas de intervenção na praça





[illegible]

4. a rua

Apesar do Bororé ser uma península, a atribuição a ele como ilha configura-se no imaginário popular por diversos significantes, entre eles a existência de balsas para seu alcance. Do caminho do Grajaú para o Bororé, transpõe-se a Represa Billings pela primeira balsa; do Bororé para São Bernardo do Campo, pela segunda balsa.

Durante a entrevista realizada com Tio João, que operou a primeira balsa, ele relata que a mesma se estabelecia como conexão não apenas entre chãos – “antes não vinha nem carteiro na ilha. As cartas ficavam na balsa e a gente saía distribuindo pra todo mundo” – afirma Tio João.

A travessia pela primeira balsa leva do Grajaú ao Bororé, a partir da Avenida Dona Belmira Marin, que passa a se chamar Estrada Velha do Bororé. A via é uma das únicas asfaltadas do Bororé, asfalto que chegou a pouco tempo, como relata Tio João: “ asfaltaram na época da Marta⁵ – veio vindo por etapa né: parou lá no Jd. Eliana [Grajaú], depois veio e parou aqui [em referência a escola] e aí depois foi até a segunda balsa”.

Em relação às ruas não asfaltadas, Tio João, que atualmente é motorista do ônibus escolar aponta um problema: “O perigo é constante, não tem calçada, a gente passa de ônibus, o asfalto é um asfalto estreito. E o perigo é imenso, nesse trecho aqui [em referência à área próxima à escola], eu acho muito perigoso”, e reitera “é uma vergonha, é uma calamidade um ônibus passar ali pra pegar criança. E eu já tô cansado de pedir pra passar a máquina. Eu trabalho ali há mais de 15 anos e se passou a máquina ali foi umas duas vezes (...) vai chegar uma hora que as crianças vão ter que caminhar mais de uma hora pra pegar o ônibus”.

Tio João, ao operar o ônibus escolar e ao apontar as dificuldades que a rua apresenta no trajeto dos estudantes à escola, apresenta uma importante camada do espaço educativo: o caminho escolar. As ruas, veias da cidade e importante elemento agregador são caminhos consideráveis quando se pensa o espaço ampliado da educação. Como

⁵Marta Suplicy, prefeita de São Paulo entre 2001 e 2005

às margens da educação

os estudantes se locomovem, a qualidade desse caminho, como ele se dá aos demais espaços e ele efetivamente como espaço educativo é aspecto importante a ser pensado em um bairro educador.

diagnóstico

- A estrada Velha do trecho do Bororé apresenta as seguintes características:
- Carros e motos em alta velocidade. Ao saírem da balsa, os veículos saem e alto fluxo e velocidade;
 - Calçamento ruim ou inexistente, sendo um dificuldade aos pedestres;
 - Muitos ciclistas circulam pela via. A bicicleta mostra-se como meio de transporte e também como base do cicloturismo, intensificado aos finais de semana;
 - Há apenas uma linha de ônibus que circula na região, o ônibus 6L11-10 (Terminal Grajaú – Ilha do Bororé), cujo ponto final é próximo à segunda balsa;
 - A via tem velocidade de 30km/h, estabelecendo espaço de frenagem de 9 metros.

diretrizes e estudo

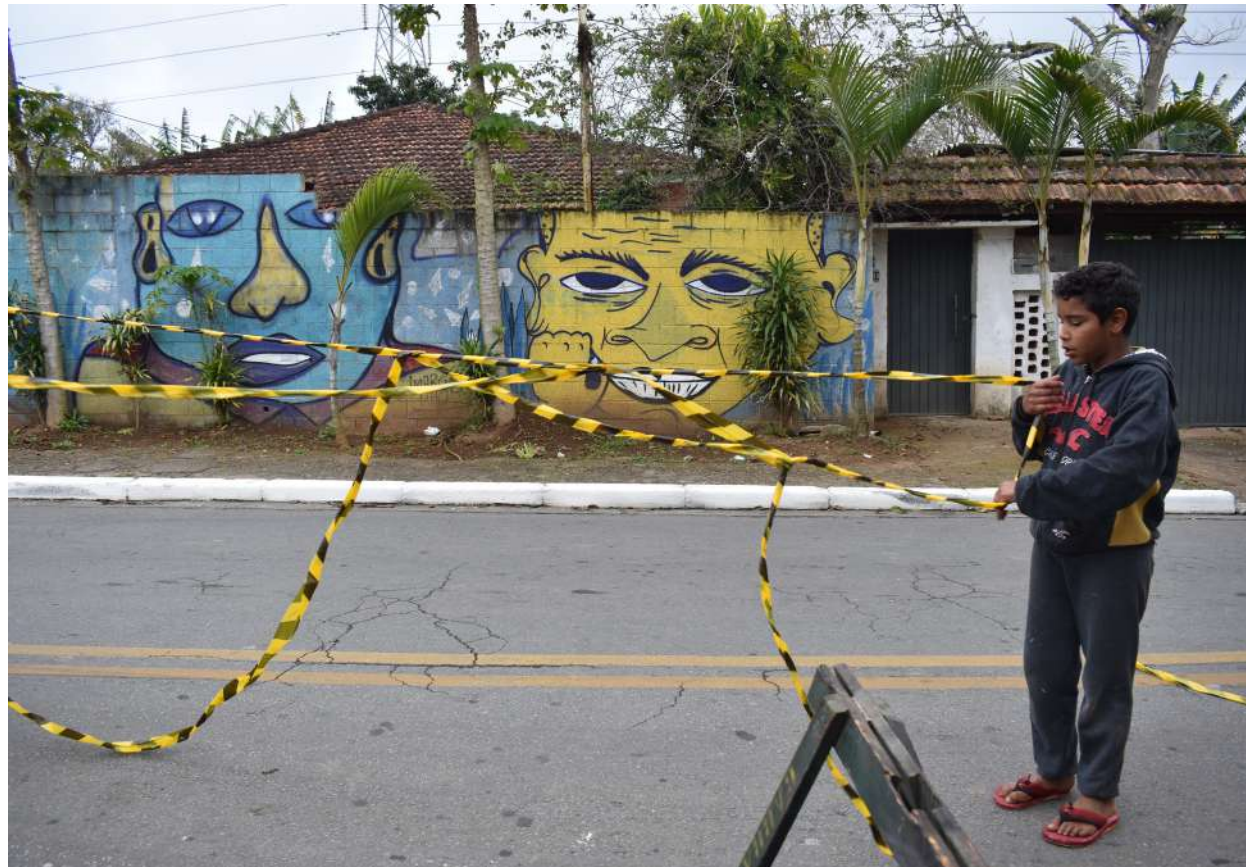
- Para intervenção na via, propõe-se:
- Construir uma proposta que compreenda a rua também como espaço de circulação segura de pedestres, não somente a calçada.
 - Construção de uma calçada que tenha proposta sustentável, que tenha piso drenante e que tenha paisagismo coerente à vegetação existente (vegetação da Mata Atlântica).
 - A premissa é: as ruas são para pedestres, garantindo acesso desses sujeitos, garante-se também a melhoria das vias para os

4. a rua

estudantes e consequentemente o fortalecimento do processo educativo extra-muros escolares.

- Setorizar o projeto da via em dois, sendo o setor 1 (da balsa à escola) o estudo deste trabalho.
- Alternativas ao caminho que apresentem aspecto lúdico e convidativo a estudantes de diferentes idades, assim como adultos e idosos, referendando o aspecto intergeracional das ações.

figura 1. Criança em atividade na Estrada Velha do Bororé, durante a Ecoativa Férias





- Calçamento
- - Falta de Calçamento
- Ruas de terra
- Pontos de ônibus
- Praça

figura 2. Diagnóstico Estrada Velha do Bororé, Trecho 1. Escala 1:7500



4. a rua



figura 3 - 5. Estrada Velha do Bororé, Trecho 1.



figura 6. Projeto Estrada Velha do Bororé, Trecho 1. Escala 1:7500

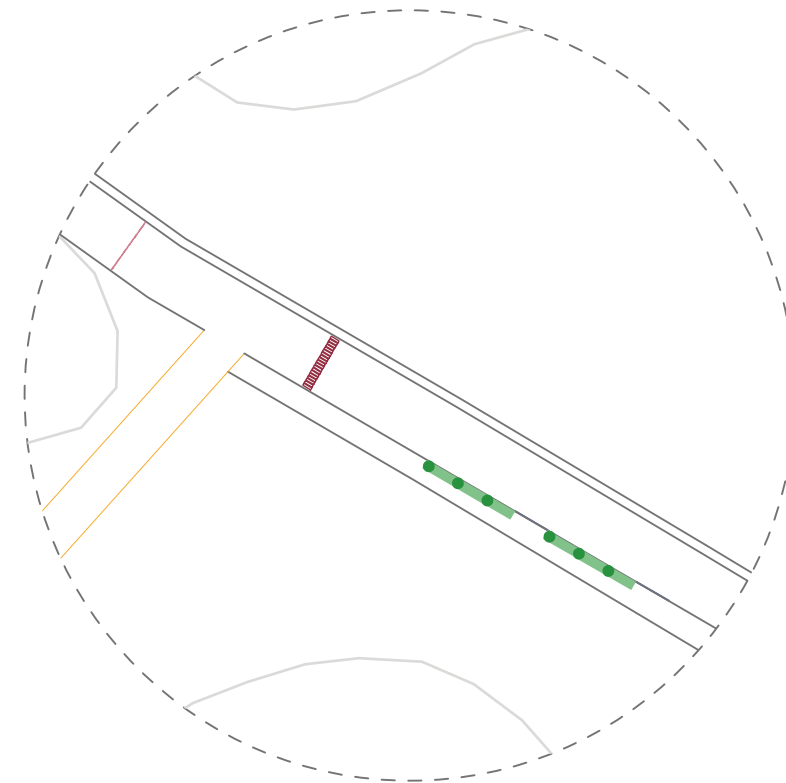


figura 7. Detalhe Jardim de Chuva.
Escala 1:100

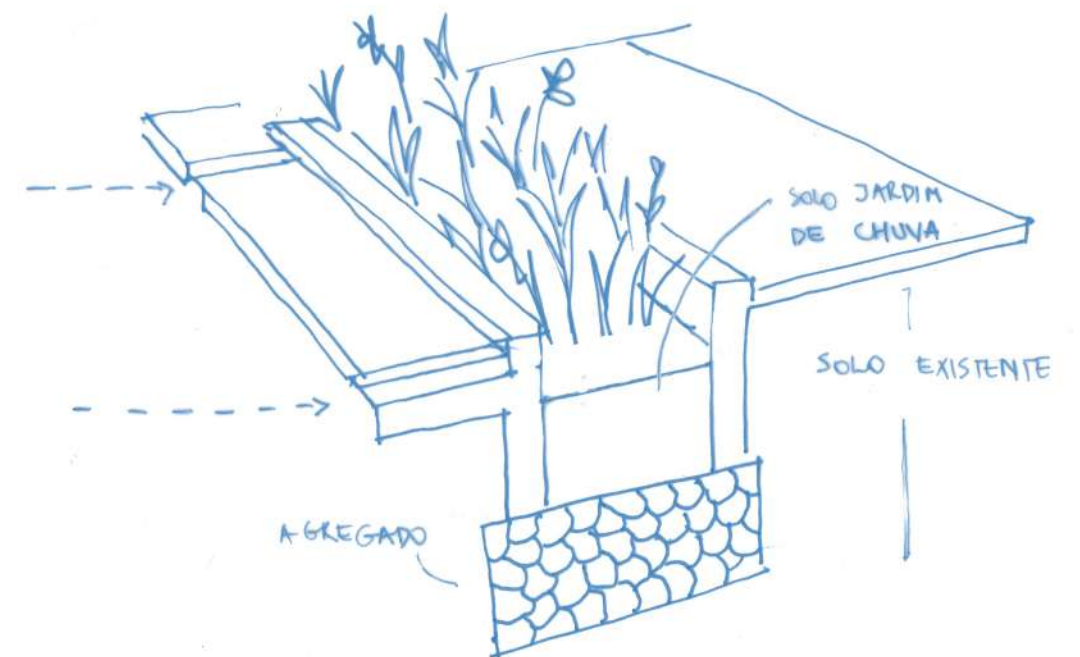


figura 8. Croqui jardim de chuva..
Realização da autora



às margens da educação

Eva Florentino Pontes,
moradora do bororé, em entrevista para
o Projeto Memorial Bororé, julho/2019,
informação verbal.

“essa área que a gente tem atrás da igreja, a gente tá lutando pra fazer um parque ali pras crianças, e uma praça. (..) ali dava bem uma praça, alguma coisa pras crianças né, pelo menos pro (sic) jovem passar umas horas sentadinho lá. não tem lugar pra eles. às vezes em um sábado fazer um piquenique, era bom pra eles, uma praça, um parquinho”

6. a praça

Na área atrás da da igreja são sebastião, há um terreno pelo qual a comunidade há anos luta para que seja construída uma praça, uma vez que não há uma no bororé. Recentemente a comunidade obteve a doação deste terreno, se organizando para viabilizar o projeto.

Em agosto de 2019, a comunidade se reuniu na associação de moradores da ilha do bororé (amib) para discutir o processo de doação do terreno, assim como para se organizar para o mutirão que seria realizado na semana seguinte. Um convite aberto, no contexto da virada sustentável, chamava para o mutirão, organizado em três frentes: limpeza (retirada do lixo, corte da grama e fechamento de um poço aberto); horta (delimitação da horta, plantação e construção de uma estrutura de bambu para a proteção); campinho (corte da grama, delimitação do campo, colheita e corte do bambu para a construção das traves).

Com o mutirão, a praça passou a ser utilizada pela comunidade, de modo que os usos desejados foram se consolidando pela experiência. No início de outubro, em nova reunião, o projeto da praça foi discutido com o auxílio de uma maquete, onde os desejos foram sendo apontados. Neste dia, foram ainda plantadas novas mudas de árvores.

A praça, como espaço comunitário por excelência, estabelece uma centralidade político-social pelo encontro dos diferentes. Ao pensar-se o espaço educativo na comunidade, a praça mostra-se assim como um ente de extrema importância, pois garante a troca com os mais diversos sujeitos.

diagnóstico

O terreno da praça localiza-se à primeira curva da estrada Velha do Bororé, com edificações históricas ao seu redor, como a igreja de são sebastião. Próxima à ela está o mural na rua realizado pelo coletivo imargem, que narra a história de formação do bororé e contempla a

às margens da educação

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

o projeto de praça

memória da ilha. Há uma ocupação de moradia em um de seus limites, representando o movimento de expansão e crescimento populacional da ilha, decorrente da expansão periférica.

diretrizes

A premissa do projeto que segue é a consideração da praça como um espaço educativo, sendo objeto pedagógico e espaço onde as atividades pedagógicas possam ser realizadas. Para tanto, este espaço é a priori pedagógico, assim como histórico-cultural, pois é parte constituinte da formação comunitária, relacionando-se com o patrimônio edificado (igreja de são sebastião) e compondo com ele uma pracialidade expandida que agrega a rua; ecológico, agregando com o verde existente e propondo a utilização de materiais que sejam sustentáveis e reconhecíveis pelos moradores; inclusivo, pois garante amplo acesso de todos, com atenção a pessoas com mobilidade reduzida, idosos e crianças, em uma relação intergeracional agregadora⁶.

O programa da praça foi definido com a comunidade. O próprio processo de projeto levou em conta a concepção dialógica da teoria pedagógica freireana, onde os sujeitos e suas dimensões de vivência são conhecimento considerado. Para isso, iniciou-se um processo de escuta, acompanhamento das ações de mutirão por eles organizadas e posteriormente houve a inserção da maquete como linguagem para a discussão de projeto. O projeto bucou sistematizar a ocupação que se concretizou na praça, consequência da ativação do espaço, propondo algumas alternativas que serão ao grupo apresentadas. É pela ação que se determina, portanto, a base projetual.

4. a praça

premissas de projeto

O projeto que segue sustenta-se nos seguintes pontos:

- Consolidação do campinho, com uma proposta de gradil com fechamento em rede. A rede para fechamento do gradil foi pensada em referência à memória da pesca do bororé e garante que ao jogarem bola, esta saia com menos recorrência para rua.
- O espaço de brincar é uma caminho, se estrutura em uma proposta de circuito, onde os brinquedos seriam definidos com a comunidade, uma vez que já existe uma memória construtiva, principalmente dos brinquedos de bambu já construídos pela ecoativa.
- O coreto. a ideia surgiu como um quiosque, mas a proposta aqui apresentada é de um “coreto”, espaço tradicional das cidades brasileiras, requalificado como espaço de refúgio do sol e da chuva, sustentando atividades que serão lá realizadas. Essa centralidade observa o entorno e a praça.
- A horta, localizada em umas das entradas da praça, como um convite a comunidade para o cuidado e como um representante da memória da agricultura local, atividade ainda muito intensa no bororé.
- A arquibancada, um modo de vencer o desnível de 1 metro, criando plateia para apresentações realizadas no coreto. Propõe-se que sejam utilizados tijolos ecológicos, produzidos a partir de materiais de demolição, coerentes com a proposta sustentável do espaço e fazendo alusão aos tijolos da fachada da escola.
- O espaço de ginástica, com equipamentos de ginástica fornecidos pela prefeitura, possibilitando a agregação de idosos pela atividade física e com o intuito de promover ações para a saúde.
- Paisagismo realizado com a comunidade. a comunidade do bororé possui amplo conhecimento botânico e, portanto, poderá aferir quais as melhores espécies de plantas a serem plantadas. Propõe-se que sejam consideradas espécies nativas da mata atlântica, visto que a região está em um remanescente deste bioma.
- Lixeiras para coleta seletiva, a praça como centralidade tem potencialidade de ser ponto focal de reciclagem no bororé.



4. a praça



figuras 1 – 3. Mutirão de limpeza e construção da praça realizado em agosto/2019.

às margens da educação



figuras 4 – 6. Atividade para discussão de projeto para praça em outubro/2019.

4. a praça



figuras 7. Lixeira da praça

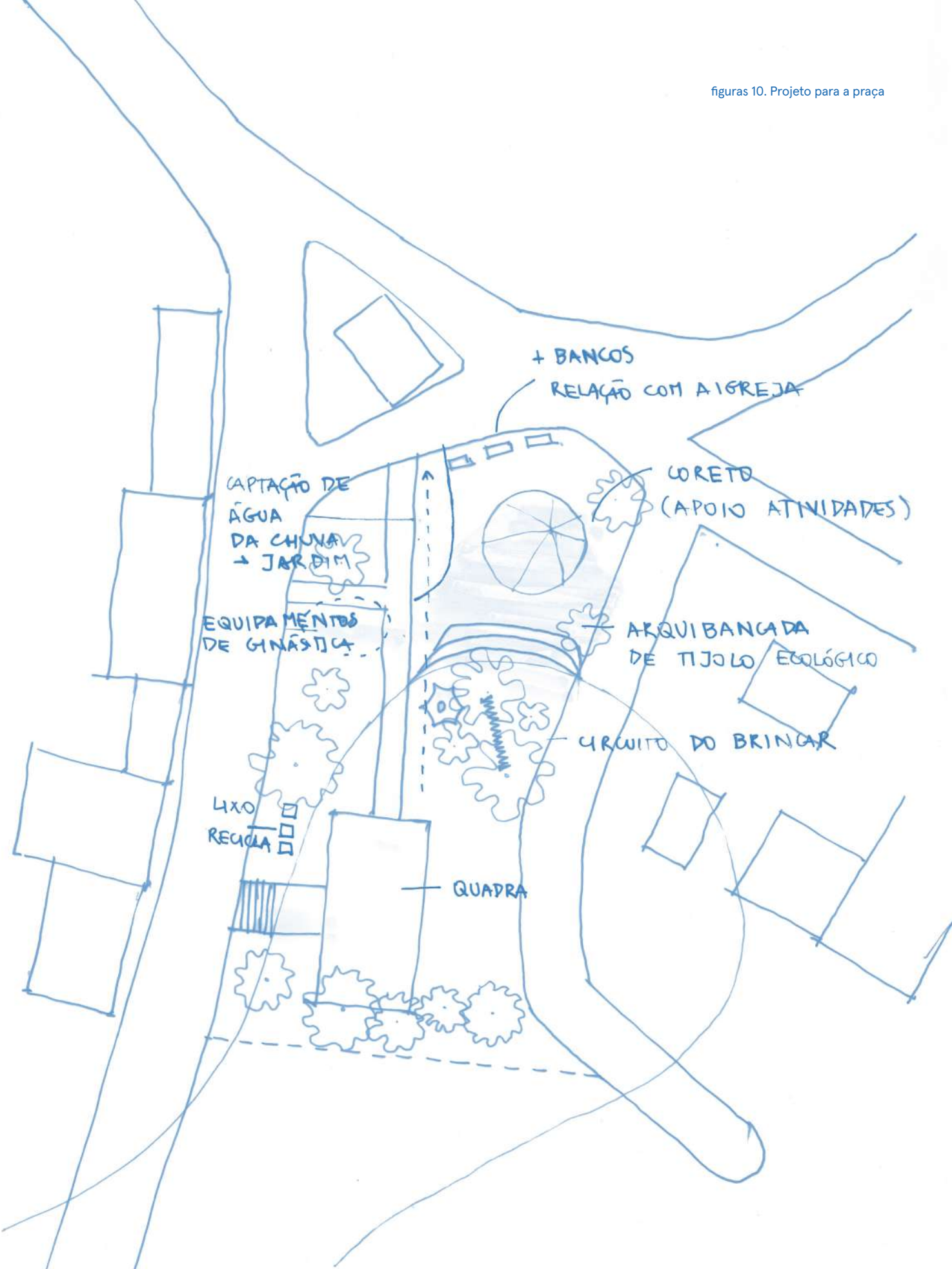


figuras 8. Poço aberto na praça



figuras 9. Declives da praça

figuras 10. Projeto para a praça





- 1 Lixeira
- 2 Coreto
- 3 Equipamentos de ginástica
- 4 Circuito do Brincar
- 5 Quadra
- 6 Arquibancada

figura 11. Projeto para Praça. Escala 1:500

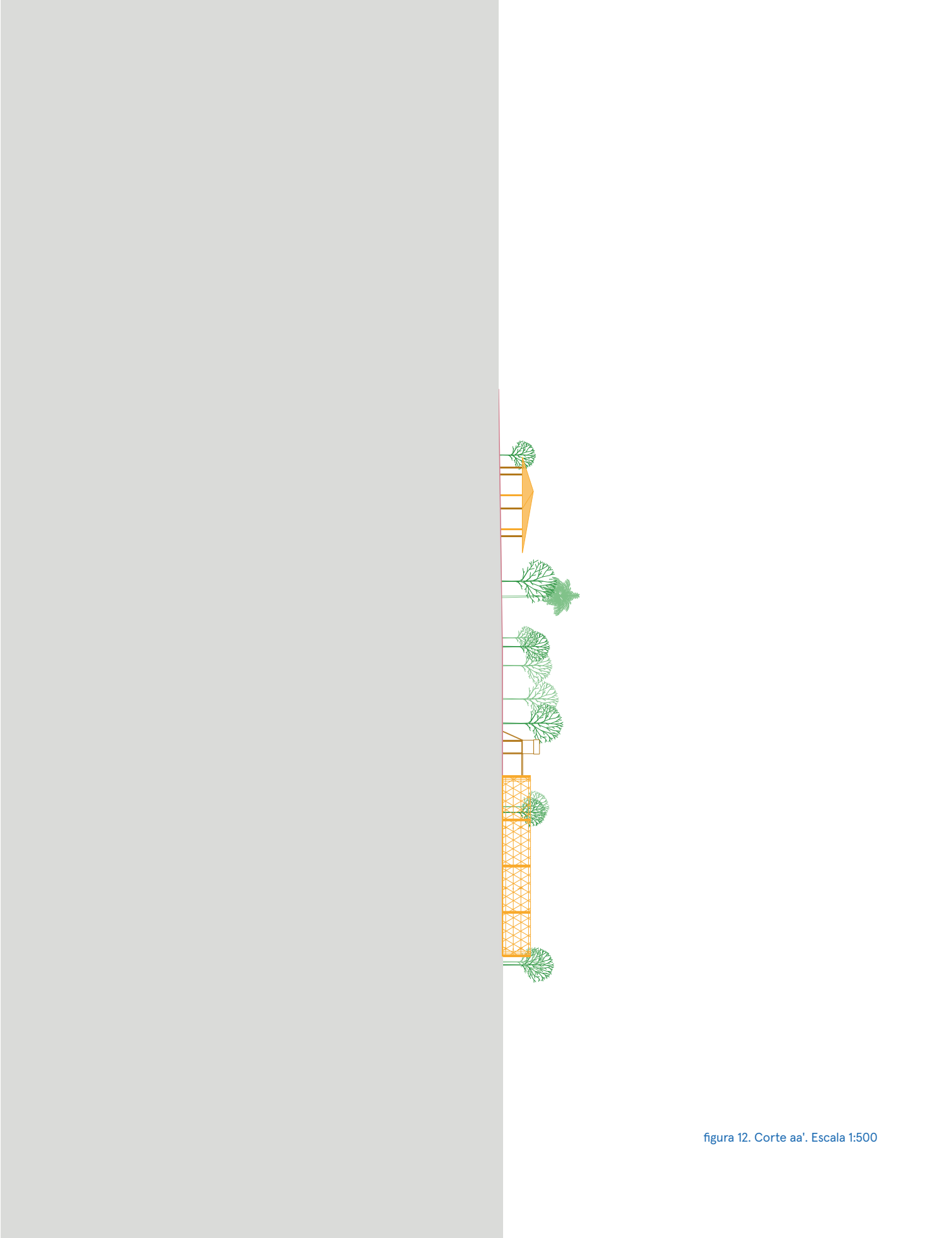


figura 12. Corte aa'. Escala 1:500

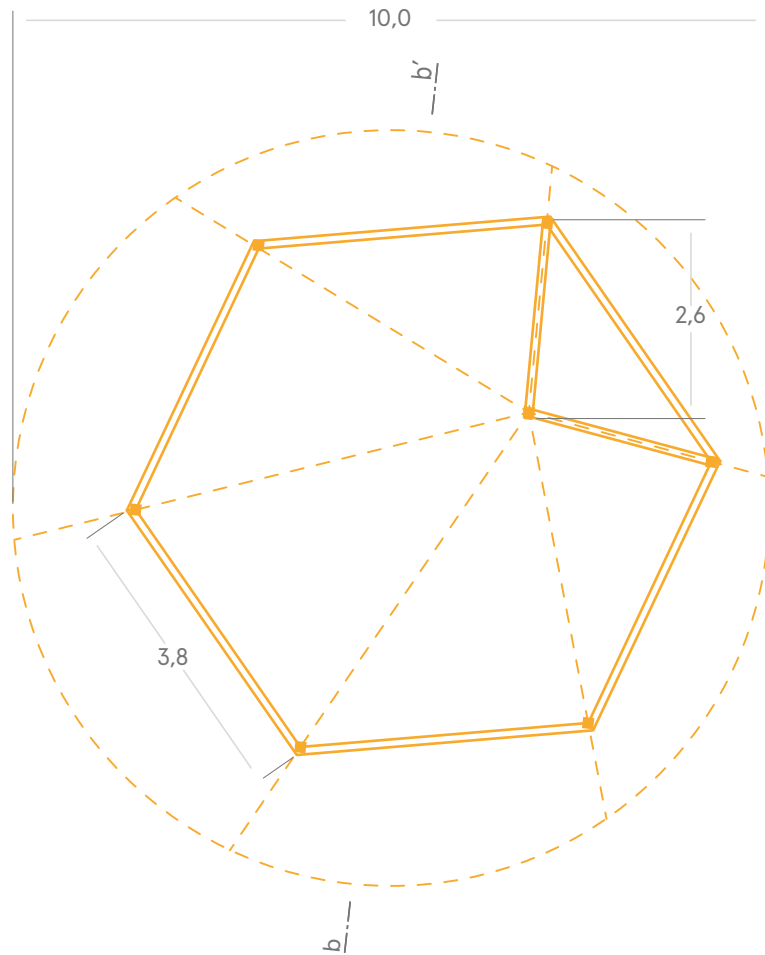


figura 13. Planta coreto. Escala 1:100

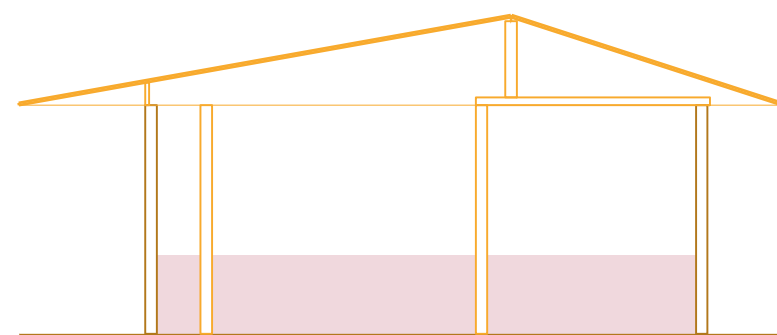


figura 14. corte bb'. Escala 1:100

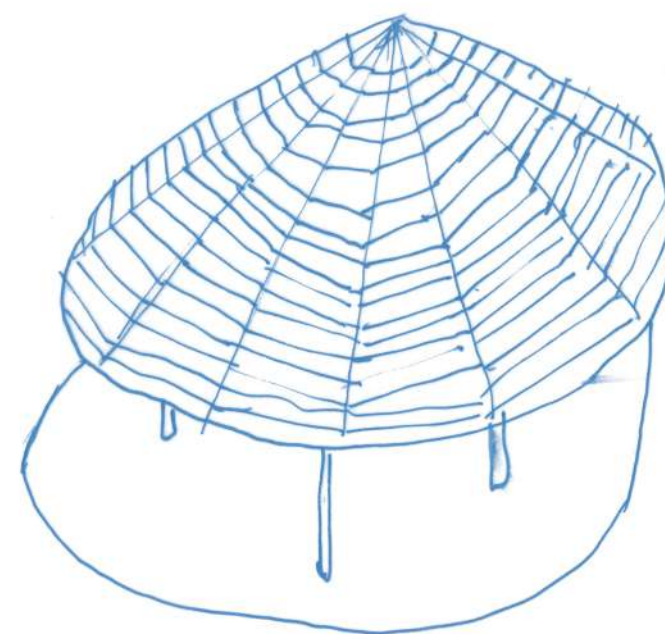


figura 15. Croquis coreto

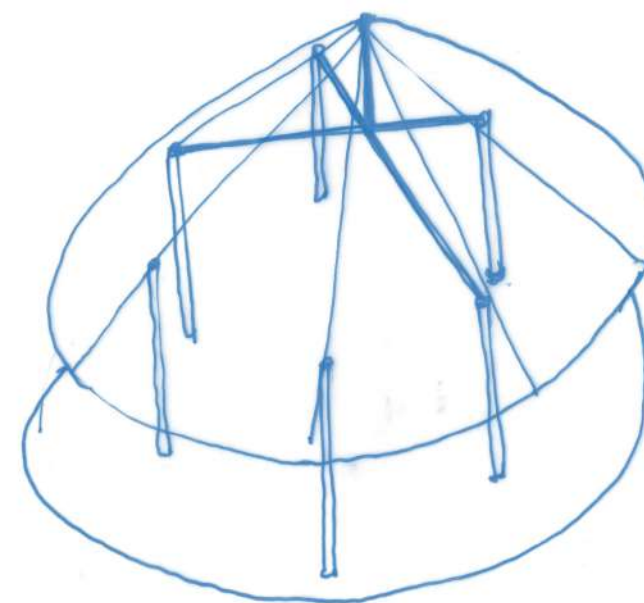
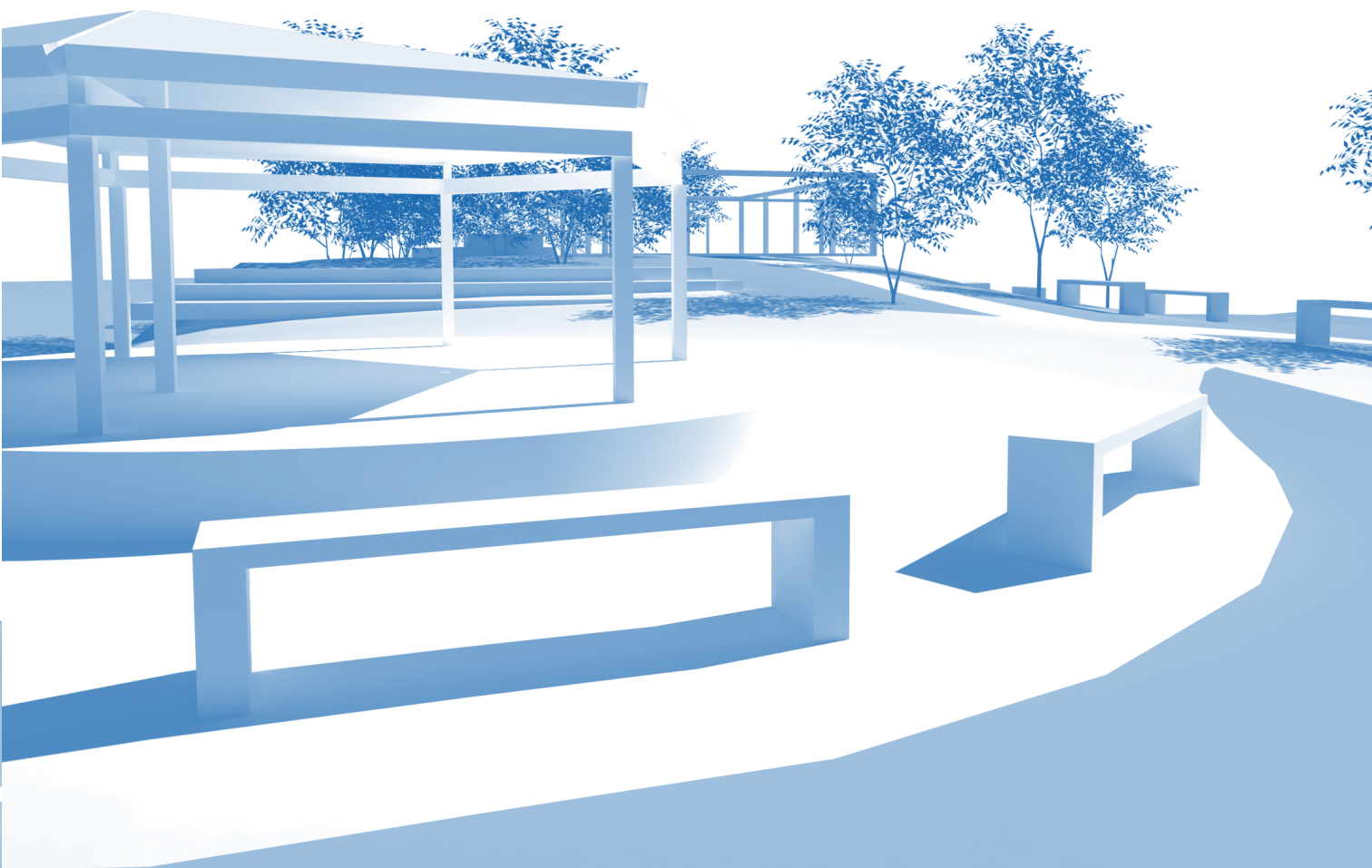
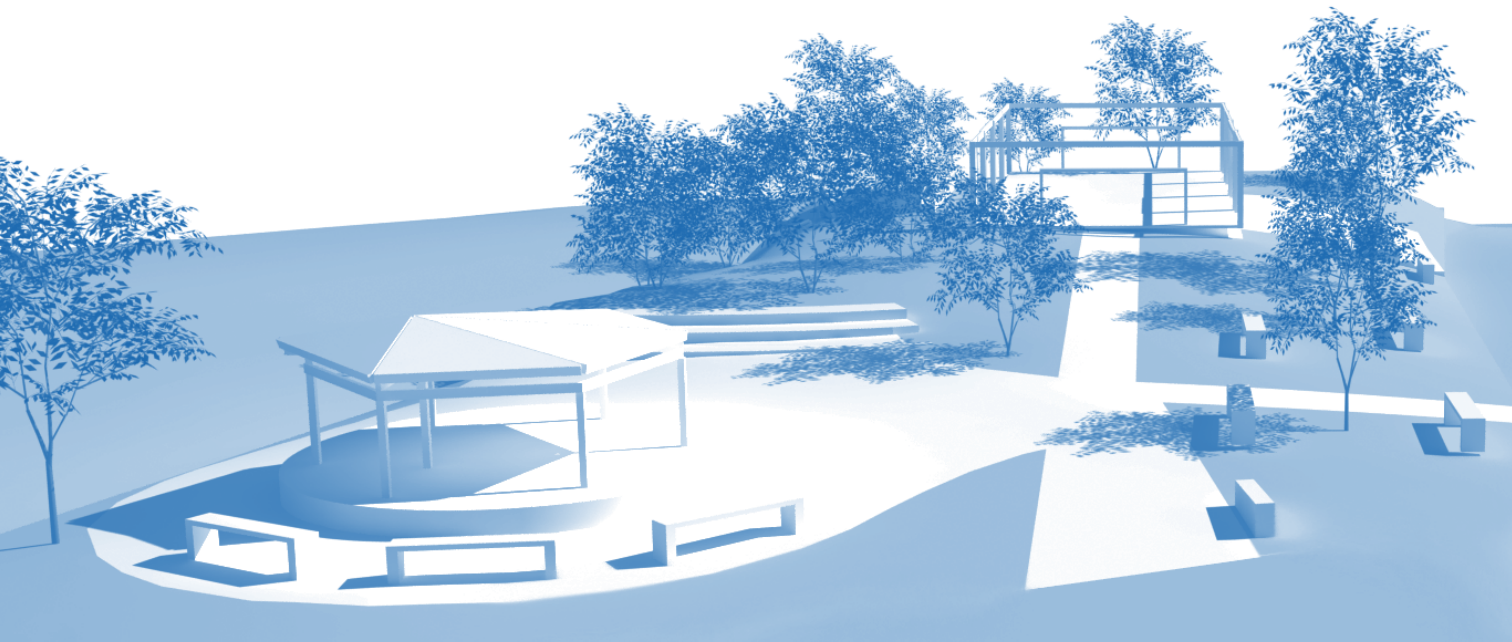
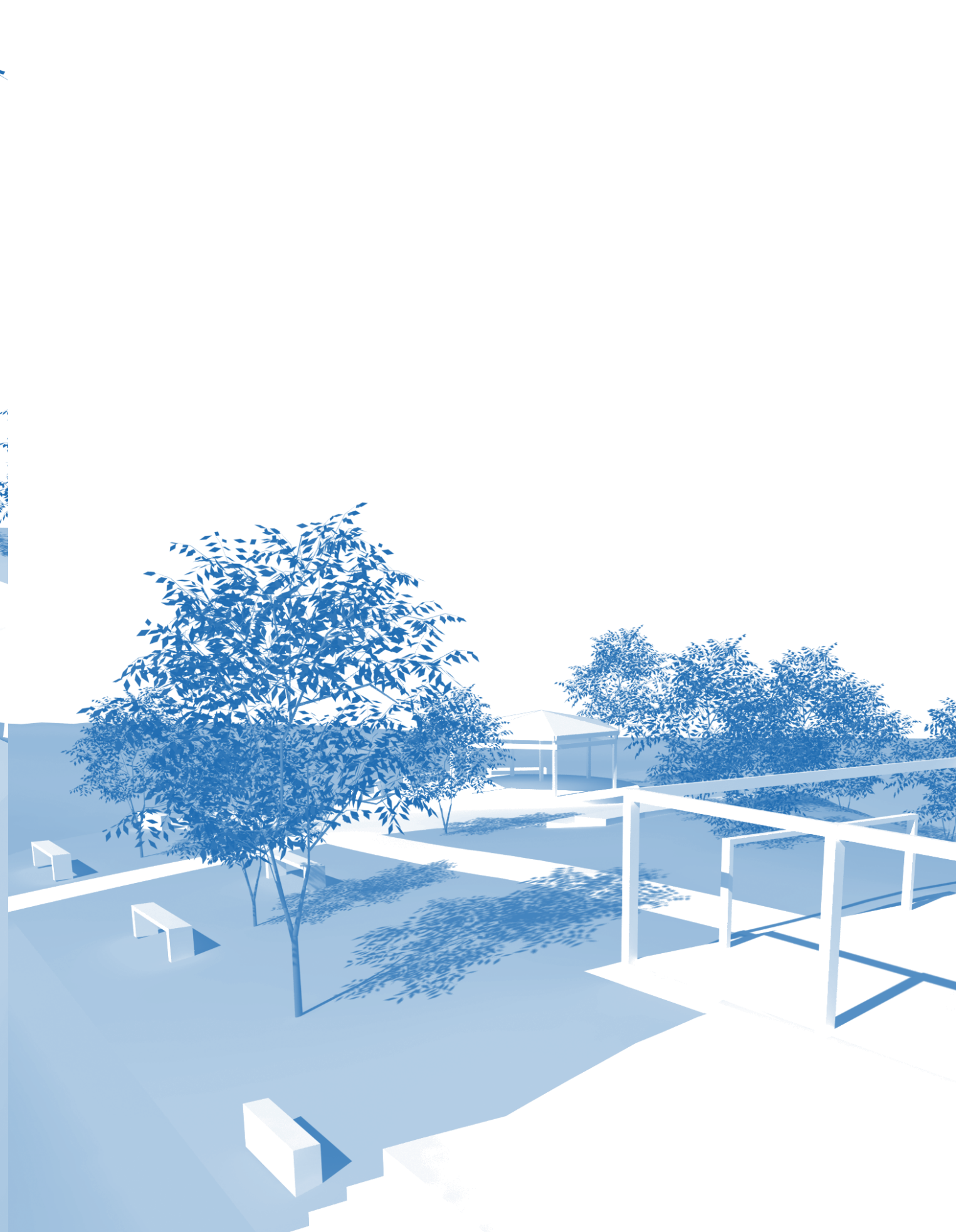


figura 16 – 20. Modelo Praça





Este trabalho é um relato de ações ainda em processo. Para tanto, busca ser uma reflexão acerca do espaço educativo, da teoria à prática, e vice versa. As atividades realizadas no Bororé pelo Grupo de Extensão Grajaú, assim como os projetos arquitetônicos partipativos lá iniciados visam ser continuados.

a bibliografia deste volume está contida junto às demais do outro volume que compõe este caderno.